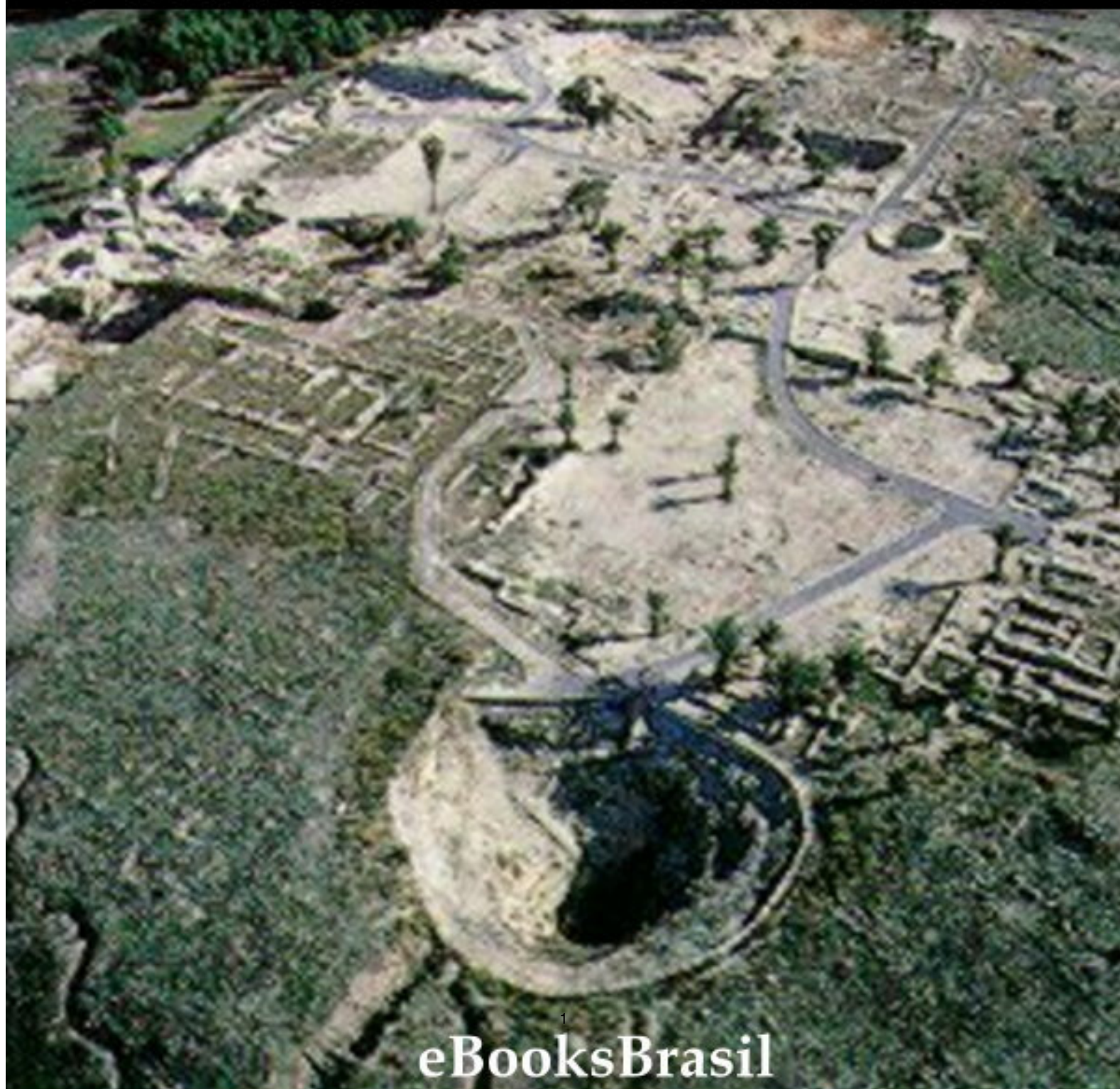


*Romero Evandro Carvalho*

# **ARMAGEDON**

**conflito de sentimentos**



eBooksBrasil

Armagedon — Conflito de Sentimentos

Romero Evandro Carvalho

Fonte digital: Documento do Autor

romeroevandro@hotmail.com

Capa

Foto do Monte Megiddo

Fonte — Aerial View of Tel Megiddo — Frame Flickr

Enviada pelo autor

eBooksBrasil.org

© 2012 Romero Evandro Carvalho

# ARMAGEDON

Gravado na Bíblia, o Armagedon está identificado como a derradeira batalha de Deus contra a sociedade perversa, injusta e cruel.

Narra o Grande Livro de Deus, que exércitos de todas as nações confrontar-se-ão ao norte de Israel, no vale onde está o Monte Megiddo.

O Velho Testamento, através do Profeta Joel – 4: 9 a 14:

“Julgamento das nações”

9 – Proclamai isto entre as nações: Declarai a guerra! Chamai os valentes! Aproximem-se, subam todos os guerreiros!

10 – Os vossos arados transformai-os em espadas, e as vossas foices em lanças! Mesmo o enfermo diga: Eu sou guerreiro!

11 – Depressa, nações! Vinde todas: reuni-vos de toda parte! Ó Senhor, fazei descer ali os vossos valentes!

12 – De pé nações! Subi ao vale de Josafá! Porque é ali que vou sentar-me para julgar todos os povos ao redor.

13 – Metei a foice, a messe está madura, vinde pisar, o lagar está cheio; as cubas, transbordam – porque é imensa a maldade dos povos!

14 – Que multidão, que multidão no vale do Julgamento! Porque chegou o dia do senhor”

Neste local conhecido como Vale do Julgamento, ou Vale de Josafá, durante milhares de anos se defrontaram guerreiros em batalhas cruentas e devastadoras. Cidades fortalezas, neste vale, foram construídas, destruídas e reconstruídas umas sobre as outras, dando origem a uma colina que, com todas essas edificações, passou a ser um local estratégico na defesa e guarda da passagem pelo lugar. Essa colina erguida pelas mãos do homem conquistador e ao mesmo tempo destruidor foi denominada como — Monte Megiddo.

Jesus ordenou a um anjo que mostrasse ao Apóstolo João Boanerges, o que deveria acontecer nesse local, e assim ele descreveu:

(Apocalipse 16 – 13,14 e 16)

“13 – Vi sair da boca do Dragão, da boca da fera e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs;

14 – são os espíritos do demônio que realizam prodígios, e vão ter com os reis de toda a terra, a fim de reuni-los para a batalha do grande dia de Deus Dominador.

15 – Eis que venho como um ladrão! Feliz aquele que vigia e guarda as suas vestes para que não ande nu, ostentando a sua vergonha.

16 – Eles os reuniram num lugar chamado em hebraico Har-ma-gedon”

Alguns grupos religiosos crêm que o confronto final do Armageddon acontecerá neste vale, onde Deus congregará todas as nações para o juízo final, por terem espalhado o povo de Israel por toda terra.

Outros entendem e propagam que o Armagedon será o alastramento de situações catastróficas por toda Terra, como uma guerra nuclear.

Como autor desta ficção romanceada, senti uma inclinação para narrar sobre um Armagedon que brotou e se incendiou de ódio na mente e no coração de uma jovem arqueóloga americana. Esses sentimentos enraizados na mais baixa faixa vibracional, acrescidos da dor pelo falecimento de sua mãe, atenciosa e protetora, fazem com que ela recuse veementemente qualquer conciliação com sua ascendência paterna, cujo pai ela repudia, ironiza e acusa de assassino.

Mas em virtude da atuação da Espiritualidade Maior, ela tem aconselhamentos, sonhos elucidativos e, no Vale do Julgamento ou Vale de Josafá, quando executava seu trabalho profissional, encontra-se com algumas pessoas que a auxiliam, para que ela consiga derrotar o seu Armagedon, destruir e arrasas o seu Monte Megiddo, erigido com a argamassa da solidão, da aflição, do ódio, da depressão, do desamor e do ressentimento, que estavam sedimentados em seu coração.

(Vale de Josafá= “O Juízo de Deus” em hebraico)



# **ARMAGEDON**

## **conflito de sentimentos**

A história se inicia, com um encontro casual, que se inclinou, para o campo da irresponsabilidade, entre os jovens, colegas que eram de faculdade – Joseph Markinson e Miriam Landam.

Deste encontro, resulta uma gravidez inesperada, da qual, Miriam, envergonhada, oculta de todos.

Joseph, desconhecendo o fato de ser pai, segue a sua vida adiante.

Passa-se muito tempo, até que ele descubra que daquela união casual, nascera uma filha – Bárbara, que já em sua adolescência, julgava-se abandonada pelo pai, carregando em seu coração, muito ódio e ressentimento.

No Oriente Médio, local conhecido como o Vale de Josafá, Bárbara tem a oportunidade de encontrar-se com seu passado e extirpar todo rancor que representa para ela, o seu Armagedon.

Nessa trama de emoções, o autor, pela atuação dos seus personagens, leva o leitor a refletir sobre a importância da Família, do Amor e do Perdão, sentimentos que constroem a verdadeira Felicidade.

Os personagens deste romance desconhecem que muitos de seus problemas, vivenciados na atual existência, são resultados dos seus atos em vidas pretéritas. Mudam-se

os cenários, mas os atores continuam os mesmos, nas ações necessárias à evolução.

Esses Espíritos, em uma encarnação pretérita, no solo português, onde vigorava ferozmente a Inquisição, em 1632, tiveram uma jornada terrena, onde muitos acontecimentos que ocorreram e repercutiram em suas encarnações posteriores, como sofrimentos lancinantes, acidente fatal, solidão, ódio, culpa, conflito, sucessos profissionais, previsões, encontros inesperados, mas que certamente, estavam nos desígnios de Deus.

***Os capítulos de Armagedon – conflito de sentimentos – são entremeados por citações e conceituações da Doutrina Espírita e outras literaturas afins; sendo que estas ou aquelas, em face das seguras informações Espíritas, estão correlacionadas às narrativas.***

***Estas intervenções propostas se ajustam ao texto para tentar mostrar ao leitor ou leitora, que quanto aos fatos de nossas vidas, os mais comuns, nos mais diversos relacionamentos, acontecimentos e sentimentos, e dos quais somos autores, interlocutores ou simplesmente mero observadores, o Espiritismo analisa, conceitua e esclarece, ensinando-nos para a nossa boa evolução. — (Silvia Aparecida Canonico – revisora)***

# INTRODUÇÃO HISTÓRICA

## Inquisição em Portugal 1536-1821

Esse período da história portuguesa foi o mais negro.

Milhares de judeus, velhos, homens e mulheres, jovens e crianças, perderam suas vidas nas garras implacáveis do Santo Ofício.

Muito embora, converterem-se ao catolicismo, os judeus eram apanhados por intrigas e vestígios de prática mosaica, pela recusa do consumo de carne de porco, por lavarem suas toalhas às sextas-feiras, serem surpreendidos orando, por não frequentarem com regularidade os ofícios religiosos católicos ou por uma palavra mal entendida. Outra situação absurda, em que os judeus poderiam ser apanhados pela Inquisição, era pelo hábito de tomarem banho. A higiene pessoal era visto como uma prova de apostasia.

Era comum nos assentamentos dos registros da Inquisição, que o judeu acusado, tivesse o seguinte veredicto: “tomar banho”. A alegação era que “as pessoas limpas não tem que se lavar”. Deduziam então, que os judeus eram “sujos” por dentro e por fora.

Os inquisidores, ao chegarem às localidades, proclamavam que todos deveriam assistir à “missa especial”, em que seria lido o “édito inquisitorial”. No sermão, o Inquisidor erguia um crucifixo, exigia que todos levantassem a mão direita e repetissem com ele, o juramento de apoio à



Inquisição. Após esse procedimento era lido o “édito”, que continha a ordem de condenação de várias heresias, além de condenar o Islão e o judaísmo e que dentro do “período da graça” seriam aceitos os convertidos, sem a obrigatoriedade da penitência, porém, teriam que denunciar outros que não tivessem se apresentado. Assim, não bastava denunciar-se como herege para alcançar os benefícios do “édito”, pois deveriam aos “olhos da Inquisição”, denunciar os seus pares. E o ônus da justificação ficava sempre com o denunciado, não havendo a revelação do denunciante.

Tomás Torquemada, o mais famoso inquisidor dominicano espanhol, já de há muito – 1498 – havia falecido. No entanto, a sua figura, sua palavra e sua crueldade ainda ecoavam... e ainda serviam de parâmetro nos Tribunais Inquisitoriais da Península Ibérica.

Os inquisidores portugueses, na cidade de Évora, agiam igualmente como o cruel Torquemada, levando à fogueira em praça pública, judeus inocentes.

A comunidade judaica, em Évora, era verdadeiramente muito operosa, obtendo expressivos resultados em diversas atividades: no comércio, nos serviços como: sapateiro, alfaiate, tintureiro; na medicina e em outras várias atividades, como astrólogos, astrônomos e ourives.

Em todo esse universo laboral, os judeus se destacavam de modo expressivo, progredindo economicamente. Isso teve uma consequência: eles eram invejados e via de regra, denunciados.

Essas denúncias tinham como origem, não raras

vezes, a vingança pessoal de vizinhos, de parentes e até tinham como objetivo, eliminar o concorrente nos negócios ou no comércio.

As fontes informativas sobre essas situações não confirmam categoricamente, mas se o comércio e os negócios eram praticamente exercidos pelos judeus, forçoso nos leva a crer, que as intrigas, as denúncias e as concorrências desleais aconteciam no seio da comunidade judaica. O delator que apontava o “herege”, garantia assim, a sua fé e liberdade aos olhos dos inquisidores. Mas, mesmo estes, se denunciados, também sofriam as penas, muitas vezes, penas capitais.

Esse era o clima em que a atmosfera de Évora estava mergulhada. Aliás, toda a Península Ibérica, na qual, há de se crer, o espírito de Tomás Torquemada ainda atuava na mente dos dominicanos que compunham o Santo Ofício.

(Fonte consultada: Wikipédia – A Enciclopédia Livre)

## Pretérita encarnação

Levi Zedec era um excelente marceneiro e artesão, muito solicitado por toda Évora. Qualquer que fosse o objeto a ser feito, em madeira ou mesmo em ferro, Levi fazia com perfeição. Sua fama de bons serviços havia se alastrado por toda região.

Auxiliavam-no nessas tarefas, seu filho Marc e o sobrinho Yaakov.

Embora Levi houvesse aderido às regras do Santo Ofício e até fosse muito conhecido pelos padres, visto ser sempre solicitado para executar serviços à Cúria, e gratuitamente, ele, mesmo assim, vivia sobressaltado, pois não raro, a praça pública se iluminava e se impregnava com o cheiro de carne humana que se alastrava por toda cidade, causando ódio e nojo nos corações dos judeus. Esses assassinatos, na maioria das vezes, eram originários de dilações mentirosas de vizinhos, invejosos e até de parentes, que assim eliminavam concorrentes no comércio ou em outras atividades.

No recôndito do seu lar, Levi Zedec enclausurava-se em seu íntimo até altas horas, sentado em sua cadeira de balanço, tentando entender o porquê de seus ascendentes, ele próprio e seus descendentes sofrerem a mão pesada da injustiça patrocinada pelo Santo Ofício, que se intitulava portador da Voz de Deus.

Em seus pensamentos, achava um absurdo que os portugueses tivessem a pretensão de ser os verdadeiros

portadores da verdade e pensar que só a sua religião, o catolicismo, fosse a religião de Deus, sendo que Deus é único para todos os viventes.

Levi, intimamente, achava uma atitude racista e repugnante, ter que usar uma estrela costurada em suas roupas para mostrar à sociedade que era um judeu e, com isso, ser considerado um ser desprezível.

Censurava, ainda que sem alarde, junto aos seus verdadeiros amigos, a prática de alguns dos judeus comerciantes de alimentos, que armazenavam esses produtos, com o fito de objetivar bons lucros, para quando houvesse uma má colheita. Esse tipo de atitude provocava um azedume social. Como decorrência desse ato, a Igreja atuava e se impunha com rigidez, condenando por usura o comerciante desleal, em processo sumário à prisão ou à morte e confiscando todos os bens.

Conversando consigo mesmo, ele pensava: “O que mais devo fazer para preservar minha família, além de todos nós termos nos convertido, frequentando com regularidade os ofícios religiosos; será que devo fazer como muitos outros de nós, que adotaram outros nomes de família, como Oliveira, Carvalho, Silva, Silveira, Pereira...? Será que tenho que abdicar do meu nome, Zedec, do qual tenho muito orgulho, para termos um pouco de sossego?”

Nessas horas, o pensamento de Levi também regredia a um passado, quando houvera em Lisboa um enorme massacre de milhares de judeus, protagonizado pelo próprio povo português, que os admitia como sendo inimigos, deicidas, onzenários e exploradores em todos os ramos de atividade. Não houve clemência nem para as crianças. Os bens dos supliciados foram todos confiscados

pela Igreja e pelo governo monarca, com o fim de financiar as grandes navegações portuguesas.

A mente de Levi se impregnava com esses pensamentos sombrios sobre a sua raça, latejando em seu cérebro, causando-lhe lancinantes dores de cabeça. Este sofrimento se tornava mais angustiante, quando lhe vinha à lembrança, que muitos dos seus pares foram torturados, tendo seus mamilos esmagados com a introdução de objetos pontiagudos em brasa, que também aplicavam sob suas unhas e em outros orifícios dos seus corpos e muito mais outras barbaridades.

Levi chorava compulsivamente...

Mas esse era o momento. Não havia perspectiva, sequer, de uma tênue réstia, que direcionasse para um caminho onde os judeus pudessem ter alguma esperança num futuro de paz. Até porque, mesmo entre eles, havia uma disputa muitas vezes desonesta.

O tempo passou se arrastando na vida de Levi Zedec e dos seus, trazendo com constância um semblante sombrio.

Yaakov, sobrinho de Levi, era profissional promissor na arte do entalhe. Conseguia fazer das toras brutas, objetos e também imagens, geralmente de santos católicos a pedido da Cúria, com talhes harmoniosos, precisos e graciosos. Mas era um jovem que também trazia no seu íntimo a amargura. Recordava-se, às lágrimas, do carinho que tinha pelos seus, e dos seus pais, que faleceram logo que chegaram em Évora, vindos da Espanha, onde o terror dos Tribunais Inquisitoriais, sob o espírito do mais temido inquisidor – Tomás Torquemada, ainda pairava sobre Madri.

Levi Zedec era casado com Ester, mulher laboriosa, que se esforçava para trazer a sua casa sempre muito limpa e em ordem. Fazia tudo isso sozinha, pois a Igreja não lhe permitia contratar uma criada. Todas essas responsabilidades caseiras foram minando sua saúde, que já não era muito boa, até que certa manhã, nos afazeres para arrumar a refeição matinal junto a Levi, que vez ou outra a auxiliava, ela teve um mal súbito, abraçando seu próprio peito, sentindo uma dor aguda. Levi, num movimento rápido, conseguiu segurá-la.

Três meses decorreram. Ester teve poucas melhoras. Embora os três: Levi, Marc e Yaakov, estivessem sempre vigilantes, Ester, certa tarde, foi encontrada morta, estendida no chão.

Após alguns dias do féretro, Levi chamou para uma reunião familiar, Marc e Yaakov, e lhes comunicou.

— Nós temos muito o que fazer profissionalmente. Não teremos condições e nem tempo para cozinhar e cuidarmos das nossas roupas. Quanto à limpeza da casa, poderemos fazê-la com muito esmero, pois deverá continuar muito bem limpa e asseada, como Ester sempre deixou.

Agora, sobre a nossa alimentação e o trato com nossas roupas, pensei em nossa vizinha, que mora a duas quadras da nossa casa e ficou viúva recentemente. Ela tem uma única filha e, pelo o que eu soube, estão passando necessidades. Iremos falar com elas e, se concordarem em nos fornecer as refeições e lavarem as nossas roupas, nós as contrataremos a um preço justo. Elas nos auxiliarão e nós as auxiliaremos a saírem das dificuldades econômicas.

E assim foi feito e ajustado.

Dois anos passaram sem a comunidade judaica tivesse a sua situação amenizada e maior liberdade.

Mas, para Yaakov e Alliyah, a filha da viúva, os horizontes estavam floridos. Os encontros diários, às refeições, trouxeram um liame, que fortalecendo-se, culminou com um pedido de casamento.

Levi Zedec, fazendo as vezes de um rabino, muito particularmente oficia a união entre eles. Mas alertou-os, que no dia seguinte, iriam à igreja e, na presença de um padre, casariam. Assim ocorreu, com todos reafirmando a fé católica. E desta maneira eles se submeteram, procurando evitar para o futuro, possíveis transtornos.

E os anos passam sem muitas novidades no lar de Levi Zedec. Yaakov, por sua vez, feliz, foi residir na casa de Alliyah.

Meses após o matrimônio, Alliyah começou a sentir enjoos. Yaakov, feliz da vida, logo comunicou a Levi, que o felicitou como futuro pai e, aproveitando a ocasião, deu-lhe conselhos, alertando-o sobre essa nova situação de pai, em que as responsabilidades são aumentadas.

Levi Zedec estava orgulhoso, pois sentia-se verdadeiramente avô. E ele já se adiantou junto ao casal, falando com uma imposição até carinhosa.

— Meus filhos: se o neném for um menino, ele vai se chamar – Benjamin -, que era justamente o nome do seu pai, Yaakov. O significado de Benjamim, em hebraico, quer dizer: “Filho de minha mão direita”, com conotação de “força”. Na Toráh, no qual temos a nossa crença, Benjamim



era o mais jovem dos filhos de Jacob.

— Yaakov, preste atenção no que vou lhe dizer, com respeito ao nome que deverá dar a seu filho ou a sua filha. Talvez você seja obrigado por forças das circunstâncias atuais, dar a ela ou a ele, um outro sobrenome que não o seu, como muitos de nós judeus, estão fazendo. Talvez você tenha que escolher, vamos supor, entre: Carvalho, Rocha, Carneiro, Ribeiro, Oliveira, Silva, Silveira, Palmeira, enfim. Essa providência poderá aliviar a vida futura do seu bebê, que também, para tranquilidade de vocês, deverá ser batizado na Igreja.

Yaakov e Alliyah se olharam e, ato contínuo, abraçaram-se e disseram: — Que seja como Deus quer!

— Só para completar, me vem à lembrança que Benjamin, na divisão da Palestina, recebeu de Josué em herança, na repartição com as nove tribos, várias cidades que naquele tempo eram lugarejos, entre os quais, Jericó, de onde todos nós somos originários. Todos nós somos benjunitas de Jericó.

Em 1632, Portugal foi atingido por diversos males, que dizimaram implacavelmente grande número de pessoas; entre elas muitos judeus. O tifo e as disenterias se alastraram. Foi nesse quadrante maléfico que Benjamin veio ao mundo.

Em Évora, a varíola, a varicela e as febres desconhecidas de aspecto epidêmico atingiam com vigor as crianças e adultos combalidos. E a isso tudo se instalou a crise dos alimentos, por causa de uma grande seca que se propagava.

Yaakov, apreensivo com o clima doentio que assolava a cidade, confessava à esposa a sua preocupação com Benjamin.

Por precaução, começou a tomar muito cuidado com o asseio. Sempre que voltava para casa à tarde, antes de entrar, lavava-se, dispendo toda roupa usada e também os sapatos, em um recipiente à parte de outras roupas da casa, em molho de lixívia.

Mas ele notava que a sua esposa mantinha-se calma.

— Alliyah querida, observo que para você, parece que não está acontecendo nada ao nosso redor!

— Yaakov, eu vou lhe dizer o porquê estou sossegada e confiante de que nenhum mal deverá nos acontecer. Querido, quando ainda estava esperando por Benjamin, acho que bem próxima de dar à luz, eu sentia bastante medo. Numa noite, alta madrugada, sem conciliar-me com o sono e com dificuldade de respirar, levantei, fui para a sala e lá fiquei. A certo momento, notei que a sala estava ficando iluminada e era de um azul lindo...

— Quando era menina, talvez com meus oito anos, eu falava para minha mãe que muitas vezes eu acordava na madrugada, assustada, com uma luz estranha no meu quarto. Eram sempre duas cores: azul e rosa.

Minha mãe, então, preocupada com essa visão, após aconselhar-se com um rabino a respeito, disse-me assim, lembro-me bem: “— Minha filha, não tenha medo. Isso que está acontecendo a você não é nada de mal, mas sim, uma dádiva de Deus. Você é uma “clairvoyant”. Sabe o que é isso? São pessoas que vêem o mundo das luzes e também das trevas. Confesso a você, filha, que eu também gostaria

de estar vendo essas luzes. Quando você chegar à idade adulta, possivelmente, poderá ver algumas pessoas que já faleceram. E se um dia isso acontecer, não tenha receio, você estará bem amparada.”

Então Yaakov, quando eu estava na sala com aquela luz que me dava imensa paz, de repente, surgiu à minha frente, uma mulher muito bonita; sua vestimenta era toda branca com detalhes em azul e na cabeça, um manto também azul. Ela sorria... e falou: “— Alliyah, minha querida nora. Eu me dirijo a você dessa maneira, porque considero Yaakov como meu filho. Eu sou Ester, fui esposa de Levi, mãe de Marc. Preste bem atenção em mim, que você irá me reconhecer. Afinal, fomos vizinhas. Lembra-se?”

E eu me lembrei da dona Ester.

Mas ela continuou falando: — Agora, para que você se harmonize, se equilibre bem, eu vou lhe falar em poucas palavras. Fique confiante com a sua gravidez, que Benjamin, como já disse Levi, nascerá com muita saúde. Será muito feliz. As doenças que surgirão, passarão ao largo do seu lar. Não deixe a inquietude fazer parte do seu dia. Seja uma mulher forte, corajosa e confiante, que tudo se concluirá como, já há muito, estava programado. Saiba minha filha, que nesse mundo ou em qualquer outro, nada acontece por acaso. Fique certa que eu estarei sempre por perto, se me for permitido.

Nessa hora, eu senti algo que me envolveu, como se fosse um forte abraço, senti um ósculo suave em meu rosto, e notei que aquela luz foi se esmaecendo, e não vi mais a dona Ester.

Cinco anos decorridos. Évora estava sendo fustigada por ventos fortes e muito frios. Ainda era meado de outono e as azinheiras, todas desfolhadas, prenunciavam que, com a chegada do inverno, muitas outras dificuldades a população iria enfrentar, além das atuais.

E não foi diferente. A temperatura caiu muito e, por decorrência dessa forte intempérie, fez como vítima, Levi Zedec, que não conseguiu resistir à febre originária de uma complicação pulmonar, vindo a falecer.

A falta do pai fez com que Marc se recolhesse em si, ficando sem nenhuma vontade de encarar a vida.

Yaakov, por muitas vezes, tentou reanimá-lo para esse enfrentamento, mas sem sucesso.

Yaakov chegou a convidá-lo para morar em sua casa pelo tempo que desejasse, mas a oferta foi em vão, com a resposta: — Meu irmão, agradeço de coração o que me propõe, mas não é justo que eu possa ser mais um problema, para o qual não vejo solução, transferido para vocês, que também têm as suas dificuldades e as preocupações com o Benjamin. Não, Yaakov, eu quero ficar só!

— Está bem, Marc. Mas pelo menos, permita que eu possa vir visitá-lo, trazer-lhe comida, levar as suas roupas para lavar e ajudá-lo a limpar a casa.

Decorridas duas semanas, Yaakov está na frente de Marc, com a companhia do rabino Ernest.

Marc estava sentado na sala, na cadeira de balanço do seu pai, com um pano imundo cobrindo o seu rosto.

— Marc, nós estamos aqui para conversar.

— Yaakov, não insista; não desejo falar com

ninguém!

O rabino Ernest, homem experimentado, octogenário, toma uma cadeira e senta-se bem à frente de Marc e, por alguns instantes, recolhe-se em oração.

— Marc – disse o rabino – vamos voar no tempo, só que para o nosso passado. Tente lembrar, visualizando os dias pretéritos, em que você e outros meninos compareciam a minha casa, para aprender a ler e a escrever. Foram alguns anos, até que vocês conseguiram, não só ler corretamente e escrever, como também, aprenderam um bom princípio de aritmética, de astronomia e um pouco de música. Lembro-me bem que você se destacava no aprendizado em relação aos outros. Lembro-me também, que após as aulas, nós todos líamos um trecho da Toráh e ao final, rezávamos. Que tempo maravilhoso que me traz à lembrança, cenas agradabilíssimas. Pois é Marc, eu não tinha idéia que depois de tanto tempo, novamente eu tivesse a oportunidade que agora tenho, de tentar lhe dar mais uma aula – Aula de Vida.

Nesse instante, Marc tira aquele pano sujo do seu rosto e vê à sua frente, aquele ancião que trazia o rosto marcado pelo tempo, mas cheio de vida e sorrindo. Imediatamente, Marc sai da sua cadeira e de joelhos em frente ao rabino Ernest, aconchega a sua cabeça no colo do seu antigo professor e chora; chora muito.

Acariciando aqueles cabelos desgrenhados, o rabino mais uma vez se recolhe em oração. Ao final, diz:— Marc, de agora em diante, não serei eu que lhe darei uma aula de Vida, mas será uma senhora, muito bonita, que você amou e ainda ama muito e o sentimento é recíproco. É a sua mãe, dona Ester, que quer lhe falar. Será por meu intermédio. Eu

repetirei o que ela tem a lhe dizer. Mas antes, ela acha conveniente provar para você, que é ela mesma. Assim sendo, ela está lhe pedindo para que você vá até o quarto em que ela dormia e, numa mala, que você pôs em baixo da cama, abra-a e tire de lá o nosso livro – a Torah.

Marc cumpriu o que lhe foi pedido, dizendo: — Realmente eu fiz isso. Encerrei a Torah naquela mala. Não queria mais vê-lo por aqui. Eu me revoltei com a vida. Mas não tenho dúvidas, meu rabino, que mamãe está aqui conosco.

“— Meu filho, é importante que preste muita atenção no que pode decorrer de ensinamento sobre a Vida, deste nosso encontro. Primeiramente, como você deve ter notado, se eu estou lhe dirigindo a palavra, há de se entender que eu não estou morta. O corpo de que fiz uso por um bom tempo, ao qual estarei sempre muito grata, é que sucumbiu. Eu estou e estarei sempre viva. Deus, meu querido, nos fez pessoas eternas e sempre a caminho da evolução. E essa evolução acontece enquanto na Terra estamos vivendo. Mas, há de se saber, que estaremos sempre repetindo nossas vidas terrenas para que o aprimoramento evolutivo aconteça.

“— Marc, você está acompanhando o que estou lhe dizendo?”

— Estou sim, mamãe!

“— Então, agora, você sabe que o seu pai, Levi Zedec, não está morto. Posso lhe adiantar que ele está procurando se harmonizar e se equilibrar, para quem sabe um dia, vir até vocês e conversar. Mas por hora, ele sente e se entristece com essa sua recusa em viver.

Entenda, meu filho, seu pai e eu não estamos mortos. E esse seu abatimento nos preocupa, porque você pode contrair alguma doença, e se ela for fatal, poderá caracterizar suicídio. Isso é contra os ensinamentos de todas as religiões. Nós queremos vê-lo liberto dessa nuvem negra que inunda os seus pensamentos. Nós, meu querido, eu e seu pai, por dádiva de Deus, apesar dos transtornos que nós judeus atravessamos, fomos felizes e, de algum modo, cumprimos a nossa vida na Terra com honestidade e retidão, conosco e com o nosso semelhante. Tivemos que renunciar a muitas coisas, às vezes até a nossa identidade, mas isso, tenha absoluta certeza, só veio reverter em benefício e nos favorecer.

O que nós queremos de você, é que cumpra a sua parte, com ânimo, com alegria, com trabalho honesto, encarando a vida de frente, firme, mas com amor. Obstáculos em nossas vidas teremos sempre, só que se não for possível demovê-los, escolha um atalho, contorne-os e siga em frente.

Marc, você se recorda que ganhou do seu pai um memorah, que ele esculpiu em ferro, quando do seu aniversário de dez anos? E que ele lhe disse: “Traga sempre esse símbolo consigo, que ele representa energia, força, dinamismo e otimismo.”

É isso que esperamos de você!

Marc, nós temos como um de nossos ensinamentos o seguinte: “Os derrotados são aqueles que se imobilizam, ficam estáticos diante dos insucessos, das perdas ou das frustrações. Agora, os vencedores são pessoas que mesmo diante dos infortúnios ou quaisquer outros males, arregimentam forças, se erguem e são capazes de



recomeçar tudo novamente”

Portanto, saia dessa atmosfera nefasta que está alimentando ao seu redor e encare a vida lá fora com destemor.

Agora, meu querido filho, receba o meu abraço e um beijo, porque eu tenho que findar essa conversa.

Quero antes agradecer ao nosso rabino Ernest, que Deus lhe dê muita saúde, e agradecer também ao outro meu filho, Yaakov, para que ele também seja saudável e feliz.

Marc levantou-se, abraçou e beijou seu querido rabino e professor, abraçou efusivamente seu irmão, agradecendo a ambos as atenções para com ele, agradeceu aos conselhos de sua mãe e, tomando em suas mãos um quadro pintado por seu pai, que retratava sua querida mãe, beijou-o.

O inverno já declinava, ainda assim, as madrugadas eram muito geladas. E foi numa dessas, que em altas horas da noite, Marc acordou sobressaltado, com insistentes batidas em sua porta.

— Quem é?

— Sou Reyna Zedec. Venho de Lisboa.

Marc recordou que tinha um tio em Lisboa, mas que nunca o tinha visto. Sabia disso por seu pai.

Abrindo a porta, lá estava Reyna e um acompanhante. Ambos entraram na casa rapidamente, pois estavam tremendo de frio.

— Sentem-se que vou providenciar algum alimento,

para comerem e beberem.

Já à mesa, Reyna apresenta Zamir, seu noivo e, em seguida, pergunta por seu tio Levi.

— Ele está viajando, com a tia...

Nesse momento, ela tira um papel do bolso e ao lê-lo, acrescenta: com a tia Ester?

— É, realmente, eles viajaram e não mais regressarão.

— Como assim, Marc. Então você vive só? Para onde eles foram? Desculpe perguntar.

— Nada a desculpar...Eles faleceram.

Ela suspirou fundo e mais uma vez pediu desculpas.

Zamir, a certo momento, tosse vigorosamente.

— Bem Marc, eu trouxe uma carta de papai, endereçada ao tio Levi, aqui está.

Ele conseguiu escrevê-la um pouco antes de ser preso; ele e a mãe. Foram encarcerados por uma denúncia. Nesse dia, parece que ele estava adivinhando que alguma coisa de ruim poderia acontecer, tanto é que, a um momento do dia, ele me fez ficar escondida, dentro de um cômodo secreto em casa. Depois de um tempo, que não sei quanto, saí muito devagar, sem fazer nenhum barulho e já era noite. No aparador, havia só uma vela acesa no memorah e ao lado estavam duas cartas, uma era para mim, a outra para o tio Levi e mais essa pequena caixa lacrada.

Chorei muito ao ler a minha carta. Faziam-me várias recomendações e que eu não tentasse encontrá-los, porque seria muito perigoso. Salientavam que eu deveria vir para Évora e aqui ficar com o meu tio Levi. E assim eu resolvi,

convidando o meu noivo para me acompanhar. Foi uma viagem longa, penosa e muito perigosa, sempre com medo dos assaltos. Mas chegamos. Eu, um pouco debilitada, mas a minha preocupação é com Zamir, que está tossindo muito.

— Muito bem, Reyna. Amanhã eu lerei a carta de papai e veremos o que tem nessa caixa. Agora, vamos ver como acomodá-los. Vocês vão dormir juntos?

— Não, Marc, ainda não somos casados – aduziu Zamir.

No dia seguinte, muito cedo, Marc estava preparando a refeição da manhã, quando chegou Yaakov. Assim, sem perder tempo, Marc põe Yaakov a par de tudo.

— Reyna e Zamir, apresento-lhes Yaakov, meu primo, mas, mais considerado como meu irmão.

Agora venham se alimentar, depois leremos a carta e veremos o que tem nessa caixa.

Na carta, Shaul, irmão de Levi, recomendava a sua filha à guarda deste e para isso oferecia pagamentos.

Marc abriu a caixa e ficou surpreso com várias peças de ouro e prata.

— Reyna, você tinha conhecimento disso? – Perguntou Marc.

— Não, primo, eu nem sabia que existiam essas joias em casa.

Marc, olhando para aquelas jóias, avaliando-as ser uma regular fortuna, indagou: — Vocês pretendem casar quando?

— Logo que eu conseguir me livrar dessa tosse renitente, nos casaremos. — respondeu Zamir.

— Muito bem, então eu vou guardar muito bem essas jóias, e, quando resolverem se casar, eu e Yaakov lhes daremos todas essas peças valiosas, como presente de casamento.

— Mas, primo Marc, papai tinha a intenção, conforme está na carta, que essas jóias fossem usadas para custear as nossas despesas aqui.

— Não, vocês, aqui em minha casa, são meus convidados e ficarão o tempo que desejarem.

Passou-se um pouco mais de um ano, desde a chegada de Reyna e Zamir em Évora.

Ela auxiliava na arrumação da casa; Zamir, cujo ofício era alfaiate, pouco conseguia de trabalho, visto ser novato na cidade. Além do que, Zamir estava quase sempre acabrunhado e vez ou outra, febril. O médico que por vezes o assistiu, alertou-o que deveria se alimentar muito bem, comer frutas, tomar sucos de limão, chás de alho, alecrim e de gengibre, além de fazer repouso em quarto bem arejado e, ainda, fazer caminhadas matinais em dias ensolarados.

O doutor alertou para que todos os utensílios usados por Zamir fossem separados dos outros habitantes da casa. Ele chamou a atenção, porque talvez Zamir estivesse com consunção pulmonar.

Com essa notícia, Reyna se desesperou.

— Fique calma, Reyna, nós vamos cuidar do seu noivo. Ele vai ficar bom. Acredite, nada é impossível para Deus. Vamos orar e pedir a assistência do nosso rabino. Não se abale, que ao final, tudo acabará bem.

Passados alguns meses, Zamir fortaleceu-se, criou outro ânimo e voltou a praticar o seu ofício, agora, como empregado. E a vida deles em Évora correu normalmente, só que, por um tempo, sem a presença de Marc e Yaakov, que foram trabalhar para a Cúria, em Beja. Por lá ficaram, seis meses. Ao regressarem, encontraram Zamir sofrendo uma recidiva da doença e já bem debilitado, não resistindo, veio a falecer.

Reyna estava inconsolável, chorava compulsivamente; não se conformava com a falta de Zamir.

— Prima, essa é uma situação irreparável e irremediável. Não há meios de combatermos a morte, quando ela chega, mas há meios eficazes, para que nós possamos enfrentar essas situações com equilíbrio. Os meios são: enfrentarmos este fato como uma coisa certa em nossas vidas, e termos a certeza de que Deus está conosco, dando-nos novos horizontes aos nossos destinos. Você é muito jovem ainda, poderá refazer os seus passos.

Mas “o anjo da morte” estava rondando muitos judeus que sofriam com as prisões, e também, mais uma vez, sobre os Zedecs. Yaakov sofreu um acidente ao cair de um andaime, chegando ao óbito.

Não havia se passado nem dois meses do falecimento de Zamir. O luto acobertou as duas casas dos Zedecs.

— Marc, que será de nós. Veja o Benjamin, é tão pequeno e já sem pai! Estou desorientada.

— Eu também estou desorientado, Alliyah, mas prometo a você, cumprir o juramento que fiz a Yaakov — cuidarei de vocês. Vamos nos equilibrar e nos acalmar, pois

com a mente conturbada, as soluções ficam mais difíceis de aparecer. Agora, Alliyah, a minha vontade é de arrumarmos as nossas coisas e irmos para muito longe daqui; para qualquer lugar nesse mundo. Mas a prudência fala mais alto e devemos usar o nosso bom senso e o discernimento. Alliyah, você quer que eu passe esta noite com vocês?

— Não, Marc... Não... Não quero. Prefiro ficar a sós com meu filho e mamãe. Tenho que me acostumar com esse estado de viúva e proteger o meu filho.

— Isso mesmo, porque a vida continua.

Tempo depois, ao entrar em casa, Marc nota que a sua prima chorava e se lastimava da vida.

— Qual a razão, Marc, por que Deus, que nós consideramos ser todo poderoso, misericordioso e amoroso, que elegemos como nosso Pai, deixa cair sobre nossas cabeças tanta desgraça? Por que razão temos que conviver com esses infortúnios, doenças e mortes trágicas sobre nós? Desde a minha infância estou amargando uma vida difícil, cheia de surpresas desagradáveis. Fugi com medo da morte, mas encontro aqui essa morte repugnante e odiosa. O que mais há de vir para nossa desgraça?

Marc só escutava, deixando sua prima extravasar sua dor íntima. Sentou-se ao lado dela, abraçou-a, acariciou seus longos cabelos e lhe disse: — Minha prima, não há mal que tanto dure. Observe que a própria natureza nos ensina. Note que as azinheiras não estão mais desnudas, já estão copadas e verdejantes. Assim também é a vida. Mal comparando, enfrentamos vales escuros e escabrosos, mas em algum momento da nossa caminhada, escalamos escarpas e nos defrontamos com uma planície florida e

amena. Tenha confiança em sua vida, prima, que o futuro há de lhe ser perfumado e florido.

Mas os horizontes não se desanuviaram.

Reyna começou a passar mal; vomitava com constância e estava sempre indisposta, desanimada, desleixando com os cuidados da casa, ficando quase todo tempo do dia na cama.

Marc ficou muito preocupado e na sua mente começaram a brotar pensamentos nefastos. Será que aconteceria mais uma desgraça? Solicitou a ajuda de Alliyah para cuidar da prima.

Passaram três semanas com melhoras e pioras de Reyna.

Alliyah afirmou a Marc: - Fique sereno, que não vai haver morte. Dentro de mais algum tempo, ela estará ótima.

— Qual a razão, Alliyah, de você ser assim tão categórica? Por acaso você teve alguma visão?

— Não... não tive nenhuma visão. É só um palpite. Mas seria bom chamarmos um médico para assisti-la.

E o médico da família veio. Consultou a paciente longamente e lhe disse: — A receita que lhe darei é a seguinte: tome chá de gengibre meia hora antes das refeições; essas refeições, minha jovem, deverão se compor de sopas de verduras e legumes. Você vai ficar boa!

Na sala, antes de despedir-se, o médico cumprimenta Marc, dizendo: — Meus parabéns Marc, você vai ser papai!

Por um momento, Marc não soube o que fazer ou responder. Ficou pasmo com a notícia. Olhou na direção de



Alliyah, ela estava sorrindo e também cumprimentou-o.

— Não... Não... Não. Eu não sou pai dessa criança. Esse filho não é meu! Não tenho nada a ver com essa gravidez! Vamos lá, doutor, Alliyah, na presença dessa moça, tirar essa notícia à limpo. Quero que ela diga quem é o pai dessa criança!

Marc estava vermelho. Seu olhar fuzilava de ódio.

— Calma, Marc – disse o médico – eu acredito em você, mas agora não é o momento; ela está muito fraquinha. Mais algumas semanas, ela estará mais disposta, aí você põe isso em pratos limpos.

— Está bem, doutor. Eu esperarei.

— Alliyah, por favor, arrume uma acomodação para essa moça na sua casa até ela ficar boa. Eu não quero vê-la por um bom tempo. Vou sair agora, trabalhar à exaustão, pois não quero pensar nesse assunto.

Algumas semanas transcorreram. Certo dia, bem no início da tarde, quando algumas estrelas já despontavam no azul do céu, Marc ao chegar em casa, deu com a presença da prima, muito sorridente. Ele, com um semblante austero, perguntou: — Por que está sorrindo?

— Marc, eu sarei. Estou ótima e estou voltando.

Ele, não se interessando em desenvolver uma conversa, retirou-se, encerrando-se em seu quarto, correndo-se de raiva.

Muito cedo, no dia seguinte, Marc vai à casa de Alliyah e convida-a para presenciar a conversa que ele teria com a prima.

— Reyna, você já fez a sua refeição?

— Já, Marc. Por quê?

— Então vamos para a sala, que eu quero que você me elucide sobre um assunto, que está a me incomodar muito.

— Reyna, quando você estava passando mal e chamamos o médico da família para assisti-la, ele lhe disse qual o mal que lhe afligia?

— Não. Ele somente me recomendou repouso, chá de gengibre e caldo de legumes.

— Muito bem. Agora, eu vou lhe dizer o que ele me disse, na presença de Alliyah: “Meus parabéns, Marc. Você vai ser pai”.

— Reyna – disse Marc quase gritando – eu não sou pai dessa criança que você tem na barriga! Você está grávida! O pai dessa criança só pode ser aquele homem que você trouxe para dentro da minha casa e que morreu tuberculoso! Vocês abusaram da minha hospitalidade e na minha ausência de seis meses, quando trabalhei em Beja, vocês fizeram o filho ou a filha que aí está. Quando vocês aqui chegaram, naquela madrugada gelada, eu os acolhi, dei-lhes de comer, dei-lhes de beber e uma cama quente para dormir. Antes, eu perguntei: Vocês vão dormir juntos? Ele em seguida, respondeu: “Não; nós ainda não somos casados”. Vocês burlaram e abusaram da minha confiança. Esta casa não é uma casa de tolerância; é uma casa onde viveram pessoas honestas e de respeito. E eu sigo esse exemplo que me foi dado. Meus pais, Reyna, foram pessoas íntegras. Eu não consigo aceitar isso que vocês fizeram. Com certeza, brincaram desnudos aqui dentro, correndo para lá e para cá. E tem mais uma coisa, Reyna — Você já imaginou o

que você tem na barriga. É o filho de um homem que morreu doente dos pulmões. Eu nem calculo a extensão disso para o bebê. Mas não deve ser boa coisa.

Reyna só escutava, deixando cair grossas lágrimas.

— Essas lágrimas são verdadeiras ou falsas, Reyna?

— Marc – interrompeu Alliyah – não fale mais nada!

— Muito bem, vou me calar, mas ainda hoje eu arrumarei uma casa para ela ficar.

— Por favor, Alliyah, fique aqui em casa até eu voltar. Naquele baú, lá no canto, tem muitos brinquedos que o papai fez para mim. Todos eles ainda estão perfeitos. Acho que o Benjamin irá se divertir.

Entrevistando-se com o rabino amigo, expõe tudo o que aconteceu, ao final, pergunta: — O senhor pode me indicar uma família ou uma viúva que esteja com dificuldades, enfrentando a solidão e com escassos recursos financeiros? Rabino Zacharias, eu não quero mais ter a companhia de minha prima em minha casa. Desejo deixá-la aos cuidados de alguém. Acho que se for uma viúva, será melhor, pois com certeza deve ter experiência com o estado de gravidez. O senhor conhece alguém?

— Sim, realmente conheço. Ela perdeu o marido e dois filhos pequenos, com o tifo, no espaço de cinco anos. Embora ela tenha convivido com esse mal, aparentemente, parece que ela está saudável.

— O senhor me leva até a casa dessa senhora?

— Marc, pensando bem, você está numa idade madura, solteiro, com sucesso no trabalho. Essa viúva que iremos visitar, ela também está com a idade regulando com a sua e ainda é uma mulher vistosa... bonita... Você quer

que eu facilite uma conversa marital entre vocês?

— Não, rabino, por favor, não mude o rumo do meu propósito!

— Muito bem! Assim será feito.

Entabulada a conversa com a senhora, ela aceitou hospedar Reyna, prometendo dar a ela toda assistência, com a responsabilidade de ser remunerada por Marc.

A casa da senhora viúva era boa, bem estruturada, estava muito limpa e com boas acomodações. Nesse sentido Marc ficou satisfeito.

— Rabino Zacharias, muito obrigado por sua ajuda na conclusão do meu desejo.

Chegando em sua casa, Marc encontrou na sala, Alliyah, que se ocupava com uma costura, Reyna, na cadeira de balanço, sem fazer nada e Benjamin, entretido com os brinquedos esparramados.

Sem perder tempo com rodeios, foi logo falando e dando ordens: — Reyna, arrume todas os seus pertences, que você não vai mais morar nesta casa. Eu, por indicação do nosso rabino Zacharias, contratei uma senhora viúva, que mora sozinha e que vai cuidar de você, dando-lhe toda assistência. Da parte econômica eu me responsabilizo. Não lhe faltará nada, desde roupas até comida na mesa. Outra coisa, Reyna, aquelas jóias que você trouxe, enviadas pelo tio a papai, estão bem guardadas. Prometo que quando o bebê nascer, eu faço delas um presente para você. Avalio que elas representam um bom valor. Não quero ficar nem com uma miligrama daquele ouro. Tudo aquilo lhe pertence.

Ela arrumou o pouco que tinha trazido. Somente uma mala de roupas. Na companhia de Marc, batem à porta

da senhora Leah.

— Entrem, por favor, e sentem-se. Reyna, eu me chamo Leah. Seja bem-vinda. Farei todo empenho em lhe ser útil nessa sua gravidez. Eu já passei por isso. Vamos ser amigas.

— Senhora Leah, ainda hoje à tarde, antes da chegada da noite, estarei enviando um portador, com mantimentos.

— Está bom, senhor!

— Agora, Reyna, venha ver o seu quarto. Espero que goste; ele é bem ventilado e arejado.

Marc aproveitou e se despediu.

Na sua primeira noite, na casa da dona Leah, antes de se deitar, Reyna falou em voz baixa, mas com ódio transbordando seu coração: “Marc, miserável, você há de pagar o desprezo que está me causando. Logo que o meu filho nascer, eu irei batizá-lo na fé católica e nesse mesmo dia, vou denunciá-lo ao Santo Ofício. Você vai, no mínimo, ser encarcerado e mofar na prisão”.

O tempo escoou, sendo que todas as noites, Reyna lançava os petardos odiosos contra Marc, que sem ter condições de identificá-los, acusava o recebimento com mal— estares.

Faltava pouco tempo para ela dar à luz, conforme lhe dissera a parteira.

Certa noite, Évora estava sendo castigada por uma violenta tempestade, com raios espocando por todos os cantos da cidade. E um desses, como um estampido muito forte, fez com que Reyna tomasse um grande susto e

começasse a passar mal. Com muitas dores abdominais, ela contorcia-se na cama.

Dona Leah veio assisti-la e logo notou que era o fim da gravidez. Agasalhou-se bem e foi buscar a parteira.

Examinando-a, a parteira constatou que o nascimento seria muito difícil, pois a criança estava atravessada.

— Dona Reyna, vou tentar algum procedimento, mas acho que só um médico terá condições de fazer esse bebê nascer.

E os procedimentos da parteira foram em vão.

— Por favor – disse Reyna, gemendo de dores – chame logo esse médico, que eu não aguento mais!

Mesmo passando mal, Reyna mantinha o seu pensamento malévolo sobre Marc: “Miserável, você há de pagar por tudo isso que estou passando”. A certo momento ela gritou: “Marc, eu quero vê-lo ardendo na fogueira”.

Dona Leah ficou abismada com aquela praga lançada contra Marc.

O médico chegou no meio da manhã. Reyna estava esgotada, sem forças e só gemia. Ele examinou, examinou, forçou a barriga de Reyna, tentando arrumar o bebê na posição certa para nascer, sem sucesso. E com o sangue brotando com violência, Reyna não resistiu. O doutor não conseguiu salvar a criança e ambos morreram. O vermelho da morte cobria toda cama.

Dias após o féretro, dona Leah foi à casa de Marc, com uma carta que ela encontrou, durante a arrumação que fez das roupas da Reyna.

— Senhor Marc, eu estava arrumando as roupas da

Reyna e dentro desta mala, que era dela, achei esta carta endereçada ao Santo Ofício. Achei por bem trazer-lhe.

— Mas, dona Leah, a carta não está endereçada a mim!

— Eu sei perfeitamente disso, senhor Marc, mas ocorre que um pouco antes dela morrer, ela gritou: “Marc, seu miserável, quero vê-lo queimando vivo na fogueira”. Então associei que esta carta pode estar denunciando-o ao Santo Ofício.

Marc cerrou os olhos e disse: — Eu não acredito!

Ficou assim por alguns instantes, até que pediu para Benjamin ir chamar a sua mãe.

— Alliyah, esta é a dona Leah, que hospedou a nossa prima. Ela está aqui com as coisas que pertenciam a Reyna e mais essa carta, que estava junto aos pertences. Veja, está endereçada ao Santo Ofício.

— Por favor, dona Leah, diga a minha cunhada, o que a Reyna disse antes de morrer.

E Alliyah ficou impressionada com o que ouviu.

— Dona Leah – perguntou Alliyah – a senhora tem idéia do que está escrito nessa carta?

— Tenho sim, senhora. Só pode ser uma denúncia contra o senhor Marc.

— O que você acha Marc?

— Acho que deve ser isso mesmo – respondeu Marc.

— Talvez, Marc, até eu tenha sido indicada para ir para a fogueira.

— Então, vamos fazer o seguinte. Vamos jogar esta



carta no fogo. Que queime ela e não nós!

— Dona Leah, a senhora cumpriu a sua obrigação, de cuidar da nossa prima até onde fosse possível. O que aconteceu foram coisas inexplicáveis. Pelo seu bom discernimento em meu favor, preservando a minha vida e quem sabe até a de Alliyah e de Benjamin – disse Marc, introduzindo a mão no bolso e tirando um maço de dinheiro -, aqui está senhora, é uma boa quantia. Acho que poderá ficar bem, pelo menos por um ano.

Agradecida, dona Leah despediu-se.

Marc e Alliyah ficaram ali em silêncio. Ele com a carta ainda nas mãos, e ela, pensativa, observando. Até que ele se levanta, vai em direção à cozinha e, sob os olhares de Alliyah, lança a carta ao fogo. As labaredas sobem tão assustadoras, que ambos recuam amedrontados.

— Acho que, o que estava impregnado na carta, era muito ódio – disse Alliyah.

— Que estranho, Alliyah, eu nunca vi coisa igual! Fiquei com medo!

No dia seguinte, logo pela manhã, Marc vai à casa de Alliyah.

— Me desculpe vir aqui tão cedo, mas tenho algo em minha mente, que desejo compartilhar com você. Antes, desejo lembrar-lhe de um momento de tristeza, mas acho que devo fazê-lo. Yaakov, ainda agonizante, me pediu para que eu a protegesse e ao Benjamin. Isso eu desejo fazer sempre, a não ser que vocês me recusem.

— Eu falo por mim e por Benjamin, que gosta muito de você. Nós aceitamos a sua proteção, Marc.

— O que se passa em minha cabeça é o seguinte:

Nós estamos em perigo. Estamos nas mãos de dona Leah. Enquanto durar aquele dinheiro que dei a ela, uma pequena fortuna, acredito que ela ficará com a boca fechada a nosso respeito. Mas a partir do momento que o dinheiro escassear, eu não sei o que pode acontecer. Então, eu estou pensando em comprar uma carruagem e sairmos de Évora para sempre. Inicialmente, iríamos para uma cidade chamada Montemor Novo, pois lá, tenho um amigo de infância para nos acolher. Depois partiríamos para Lisboa, onde o rabino Zacharias tem um amigo, que poderá nos ajudar na cidade grande. Lá, acho que poderemos viver com mais paz, muito embora, nessa cidade, também ocorram perseguições aos judeus.

— Alliyah, o que você acha disso tudo?

— Eu concordo com você, em sairmos dessa cidade. Eu também cheguei a pensar nesse assunto, mas como poderia fazer? Hoje mesmo vou começar a providenciar o que realmente importa para levarmos nessa longa viagem.

— Acho que até o fim da semana, eu termino um trabalho que ajustei. Depois, eu não aceito mais nenhum serviço, alegando que estou em tratamento, com dores na coluna. Direi isso, não porque vou mentir, mas sim, porque tenho mesmo dores constantes na espinha. Aproveitarei esta semana, para comunicar ao nosso rabino Zacharias sobre o que resolvemos, peço o endereço do seu amigo lá em Lisboa e passo a ele as propriedades de nossas casas. Há muito tempo que ele e o nosso médico de família querem instalar uma gafaria, tirando esses doentes de suas casas.

Depois de longa e exaustiva viagem, com muitos

contratempos, além de perigosa por motivos vários, chegaram a Lisboa, junto a uma Judiaria. Isso foi obra do acaso, se é que ele existe, pois aí, já tiveram as suas vidas facilitadas, localizando facilmente o endereço do rabino que procuravam, entregando-lhe a carta do rabino Zacharias.

Por alguns meses, nada de anormal aconteceu em suas vidas.

Marc saía muito cedo, indo trabalhar na indústria naval e só voltando à noite. Certo dia, Marc, cansado, encontrou Alliyah em prantos, acompanhada por Benjamin, que via a mãe chorar e chorava junto.

— O que foi, Alliyah? Que desgraça aconteceu agora?

— Marc, por favor, me abrace, me proteja dessa mulher!

Marc vasculhou casa toda e não encontrou ninguém.

— Alliyah, não existe ninguém nessa casa, a não ser você, Benjamin e a sua mãe!

— Eu a vi na minha frente, me acusando de ter acabado com a pretensão dela. Ela dizia: “Vocês todos desta casa, irão pagar pela minha morte”.

— Quem falava essas coisas, Alliyah?

— Era Reyna.

— Alliyah, pense bem. Isso não pode ser reflexo da viagem cansativa que tivemos? Você deve estar estafada, cuidando de nós e mais ainda de sua mãe que está doente.

— Me abrace, Marc, não me deixe sozinha.

— Venha Benjamin, vamos abraçar e proteger a sua mãe.

As aparições aconteceram mais vezes, até que Alliyah e Marc vão a procura do rabino da comunidade, aquele mesmo, amigo do rabino Zacharias. Alliyah expõe o que lhe acontece. Marc, ao seu turno, conta toda a história de Reyna em Évora. Contam também, que na casa onde moram, a qualquer hora, acontecem barulhos estranhos.

O rabino, em sua escrivaninha, ouvia pensativo. Mas a certo instante, diz: — Vamos orar em favor de Reyna, que morreu com muito ódio no coração, e pedir ajuda de Deus para solucionar esse caso.

E assim fizeram, diante da Torah, pedindo proteção para solucionar o que vinha acontecendo de anormal.

O rabino olha para o casal e pergunta: — Vocês são casados?

— Não, senhor. Não somos casados e lhe adianto, senhor, que não tenho nenhum relacionamento íntimo com Alliyah.

— Muito bem, Marc, mas vocês se admiram, são simpáticos um ao outro ou existe alguma aversão entre vocês?

— Não, senhor! Respondeu Alliyah.

— Então, meus queridos amigos, a solução desse caso está em suas mãos. A senhora, dona Alliyah, consegue ver quem está aqui ao nosso lado?

— Sim, eu vejo. É dona Ester, mãe de Marc.

— Então, ela irá lhe dizer o que devem fazer. Preste bem atenção!

“— Alliyah, eu vou ser bem breve e sem rodeios. Gostaria que casasse com o meu Marc. Tenho certeza que ele será um bom marido e bom pai para meu neto. Tem algo

mais, Alliyah. Gostaria que acolhessem como seus filhos, e também meus netos, um casal de gêmeos, que são Reyna e o menino que iria nascer. Isso, Alliyah, será a grande caridade que vocês poderão proporcionar a eles, Reyna e seu bebê.

— Ore assim, minha filha, para se proteger e aos seus: “Deus, nosso Divino Pai e Criador, por favor, ande pela minha casa e tire todas as minhas preocupações e doenças; por favor, vigie e cure quando necessário, a minha família”. Marc não me vê e nem me escuta, mas ele vai acreditar no que você lhe disser. Desejo-lhes muitas felicidades!”.

— Senhor Marc e dona Alliyah, vamos direto para a conclusão do que está ocorrendo com vocês. O casamento entre vocês é a única solução para que esse espírito não mais apareça. Desejam casar, nesse instante? Eu posso celebrar agora, ainda na presença de dona Ester.

Marc e Alliyah se abraçam e recebem as bênçãos de Deus, através do rabino e também de dona Ester.

— Agora, Marc, outra coisa que não tem nada a ver com casamento: Lisboa está ficando muito violenta e perigosa para nós. Amanhã à noite, aqui na minha casa, teremos uma pequena reunião com alguns chefes de família. Nós iremos planejar uma viagem para muito longe de Lisboa, talvez para algum lugar da França ou da Holanda. Você está convidado. Venha também, Alliyah, que juntos tomaremos todos, um vinho, comemorando a união entre vocês.

Meses depois, Marc, Alliyah, Benjamin e a sogra, dona Zaira, partem rumo à França.

Muitos anos passaram, com algumas outras

encarnações nesse espaço de tempo, até que chegaram ao século XX, como principais espíritos encarnados, no Armagedon – conflito de sentimentos.

Personagens e seus respectivos nomes nas encarnações aqui narradas:

- Joseph teria sido Marc;
- Benazyr, como Alliyah;
- Miriam foi, no passado, Reyna;
- Bárbara foi aquele nascituro e
- Zawalli foi Yaakov.
- Os outros coadjuvaram naquela encarnação e, com certeza, também, em outras posteriores.

# ARMAGEDON

## CONFLITO DE SENTIMENTOS

### Capítulo 1 Encontro

Joseph Markinsong, estudante de engenharia computacional, está de férias na linda, pujante e atribulada cidade de Las Vegas, repleta de cassinos, hotéis, bares, boates e motéis.

Joseph encontrava-se em um desses cassinos, sentado em frente de uma máquina caça-níqueis, tentando ser beneficiado pela sorte, quando sentiu que alguém tocou em seu ombro. Virou-se e reconheceu Mirian, contemporânea de universidade, que com um largo sorriso, levava em sua mão uma grande taça de champanhe.

— Está servido, amigo?

— Não colega, muito obrigado. O meu gosto não é tão requintado assim. Eu só bebo cerveja e não é sempre.

— Então meu amigo, largue isso aí, que essa não é a sua sorte. Vamos conversar e beber.

— Você está sozinha?

— Sim. E você?

— Ambos, então, estamos sós.

— Não...Não...Não... Não estamos mais.

Ela toma Joseph pelo braço e se encaminham para o bar.

Conversam muito sobre vários assuntos, e também bebem muito.

***“O campo da vida produzirá o que dele fizemos. Uma colheita de espinho ou de flores” (Poesia — Perseverance — Johann W. Von Goethe)***

Depois de algumas horas, já no início da madrugada, resolveram ir embora. E no elevador, Miriam, já bem alcoolizada, tornou-se provocante, enlaçou Joseph num apertado abraço, beijou-o e foi correspondida.

Isso marcou o início de uma noite excitante, inesquecível e irresponsável, principalmente para Miriam. Saíram do motel com o sol a pino.

— Miriam, agora que estamos sóbrios, eu lhe pergunto: você tem alguma razão plausível para o que aconteceu conosco?

— Joseph, você não gostou?

— A pergunta que lhe fiz não comporta essa sua resposta. Você me entendeu!

— Olhe aqui, Joseph, eu gostei muito do que nos aconteceu e não terei nenhuma surpresa, pois não estou em meu período fértil. Pode ficar despreocupado e, se você gostou de mim, é possível que... bem, você sabe. Aqui está o meu cartão.

Joseph, antes muito preocupado, mas depois da afirmação segura de Miriam, na primeira esquina, jogou



fora o cartão.

Algumas vezes eles se encontravam no campus universitário, mas simplesmente trocavam olhares. Joseph, receoso de se comprometer num relacionamento mais forte e comprometedor, visivelmente deixava transparecer em suas atitudes, que nada tinha acontecido entre ambos e que os eventuais encontros no campus eram simples encontros; às vezes até, Joseph cruzava com ela e fingia não a ver.

Miriam, frente àquela situação de desprezo a que se submetia e mais às recordações daquele encontro com Joseph, sofria e desejava que ele soubesse que ela iria dar à luz a um filho ou uma filha e que ele era o pai. Por muitas vezes teve o ímpeto de lhe dizer, mas não teve coragem, pois tinha medo de ser acusada de leviana, aproveitadora de situações e de ser considerada uma mulher qualquer. Ela se lembrava de ter dito a ele que estava num período infértil. Como ele iria agora, acreditar em sua gravidez?

***“O pretérito fala em nós com gritos de credor exigente, amontoando sobre as nossas cabeças os frutos amargos da plantação que fizemos” (Ação e Reação — cap. 2 — André Luiz)***

## Capítulo 2

### A jordaniana

O tempo correu célere e no campus da universidade, ninguém mais viu Miriam, nem nas festas comemorativas da colação de grau.

Joseph, há algum tempo, conhecera Benazyr, estudante de História Universal; uma bela moça de origem jordaniana. A simpatia foi mútua. Ambos sentiram como que se completassem. Iniciaram o namoro e, praticamente desde o início, objetivaram o matrimônio.

***“386 – Dois seres que se conheceram e se amaram podem encontrar-se noutra existência corpórea e se reconhecerem?”***

***— Reconhecerem-se, não, mas serem atraídos um pelo outro, sim; ....Dois seres se aproximam um ao outro por circunstâncias aparentemente fortuitas, mas que são resultado da atração de dois Espíritos que se buscam através da multidão” (O Livro dos Espíritos)***

Benazyr, já graduada como professora de História Universal, regressou ao seu país. Em sua despedida, declarou a Joseph seu amor por ele e que aceitava seu pedido de casamento, mas que, por tradição, ele deveria formular tal pedido na Jordânia, frente aos seus pais.

— Fique certa, minha querida, que não tardarei a

estar com você no seu país.

Em virtude de ter sido um excelente aluno, destacando-se em sua turma, Joseph não teve nenhuma dificuldade em ser contratado por uma grande empresa, “top de linha”, no setor da computação.

Diariamente eles se comunicavam via internet. E com isso, passaram seis meses.

Mas, certo dia, para sua surpresa, Benazyr lhe telefonou: — Joseph, querido, estou aqui na sua cidade, em companhia do meu pai. Ele tem negócios com algumas empresas no ramo da aviação. Estamos no hotel Wordstar. Venha nos ver.

— Querida, mas que surpresa maravilhosa. Logo estarei aí para abraçá-la e beijá-la.

— Estou aguardando, meu amor, mas venha com calma. Muito embora papai tenha sangue americano nas veias, pois vovó era americana, ele não é assim tão liberal. Portanto, não exagere.

— Tudo bem, meu amor, tudo bem!

E Joseph nesse encontro, pediu a mão de Benazyr em casamento, prometendo ratificar e oficializar o seu pedido em Amman, na companhia de seu pai, que atualmente estava residindo em outro Estado.

Tempos depois, Joseph e Benazyr consorciavam-se em simples cerimônia.

Joseph, como destacado executivo de alto padrão, é contratado por uma empresa suíça para implantar uma filial

em Amman.

Benazyr, após dois anos de matrimônio, fica grávida. Estava feliz. Ambos ficam muito felizes com esse acontecimento, pois já estavam com intenção de consultarem um médico especialista em fertilização.

## Capítulo 3

### A carta

Joseph, pelo menos uma vez por ano, viajava a trabalho para os Estados Unidos da América. Às vezes, ficava lá por um bom tempo e assim tinha oportunidade de rever seu pai – David, e amigos. Outras vezes, era seu pai que viajava para Amman.

Numa dessas idas à Jordânia, seu pai teve um mal súbito e foi hospitalizado, mas o ataque cardíaco foi violento e ele não resistiu, chegando ao óbito.

Era do conhecimento de Joseph, que seu pai queria ser cremado, pois, certa vez, confidenciara-lhe este desejo. Assim Joseph procedeu, providenciando a vontade de seu querido pai.

Triste, abatido e até inconformado com aquela nova situação, é consolado por sua amada esposa e seu filho — Zawalli.

***“Se varas semelhante sombras de saudade e distância, se o vazio te atormenta o espírito, asserena-te e ora, como saibas e como possas, desejando a paz e a segurança dos entes inesquecíveis que te antecederam na Vida Maior. (Na Era do Espírito – cap. 13 – Emmanuel)***

— Benazyr e Zawalli, meus queridos, esse primeiro desejo de papai eu estou cumprindo, mas ele não me disse

onde quer que eu deposite suas cinzas. O que é que eu faço?

— Joseph, acho que nessas circunstâncias, que não sabemos onde depositá-las, será que ele ficaria contente se as levássemos para sua terra natal?

— É, acho que é uma boa solução. Concorda papai?  
— indagou Zawalli.

— Ele amava o seu Estado – Montana. Numa boa oportunidade iremos até lá.

Uma semana após o féretro, Benazyr perguntou ao seu marido: — Joseph, vou lhe fazer uma pergunta. Mas gostaria que você não entendesse essa minha indagação de outra maneira, que não fosse no sentido do amor, carinho e da amizade que tenho por você e pelo fato de estarmos sempre juntos para tudo, em qualquer situação.

— Eu sempre tive em você, Benazyr meu amor, o meu porto seguro e acredito verdadeiramente no seu amor por mim. Pode perguntar o que desejar.

— Porque você reluta tanto em abrir a mala do seu pai?

— Minha querida, eu já estive muito perto de fazer isso, por umas três vezes. Chorei nessas três vezes e não tive coragem. Acho que coragem não é bem o termo, mas não tive...não tive...Bem meu amor, eu não a abri.

— Quer que eu o ajude?

— Vamos lá, meu amor. Eu quero.

Na mala havia muitas roupas, uma Bíblia, um romance policial e um envelope fechado, endereçado a Joseph.

Ambos trocam olhares interrogativos.

Joseph põe aquele envelope na sua frente, sobre uma mesa, e fica olhando-o fixamente, com as mãos entrelaçadas sob o queixo.

— Amor, quer que eu o ajude?

— Seja o que for, minha querida, eu desejo que também esteja aqui conosco o nosso filho.

Dentro daquele envelope havia outro também endereçado a Joseph, e sendo a remetente – Miriam Landan.

Imediatamente Benazyr recordou-se de Miriam, sua colega de faculdade, e que ela não comparecera ao baile de formatura. E uma pergunta veio-lhe à mente: Por que será que Miriam iria escrever para seu marido?

— Benazyr querida, você se recorda de sua colega Miriam?

— Sim, lembro-me bem dela, muito embora não tivéssemos um relacionamento próximo. Ela ficava distante.

— Vamos abrir essa correspondência e ver quais são as notícias que ela deseja nos dar.

Nesta carta, Miriam descrevia com minúcias o encontro que teve com Joseph, em Las Vegas, indicando a data, o dia da semana, as horas e tudo o que acontecera entre eles. Encerrava informando que em decorrência daquele encontro ficara grávida, recusara-se a fazer aborto e havia dado à luz uma linda menina – Bárbara Landan Markinson, hoje, estudante de arqueologia. Miriam relatava ainda na carta, e frisava, que estava revelando tudo aquilo sem nenhuma outra intenção que não fosse somente dar-lhe conhecimento de que ele tinha uma filha.

— Benazyr e Zawalli, eu adoro vocês e creio já ter provado esse sentimento.

— Joseph, nós sabemos do seu sentimento para conosco. Não podemos de nenhuma forma censurá-lo, pois, pela data que ela informa, nós não nos conhecíamos. Eu só fui saber que você existia, num dia de Ação de Graças; era feriado e eu estava com outras colegas na fila de um restaurante. Acho que um pouco mais de um ano após a data que ela indica.

— Nunca poderia passar pela minha cabeça que papai soubesse que tinha uma neta. Há quanto tempo ele sabia sobre a existência de Bárbara?

— Como descobriu que tinha uma neta? Lembro-me agora, muito embora estivesse um pouco alcoolizado naquele momento, que ela me disse: “ Eu estou num período infértil”... Como isso pôde acontecer?

— Uma coisa é certa, Joseph, às vezes nos enganamos e acontece! Já ouvi muitas vezes essa mesma história. Mas, meu querido, vamos encarar essa realidade. Antes, quero lhe dizer que o amo muito; nada do seu passado, nesse tipo de relacionamento, poderá modificar o meu sentimentos com relação a você. Como já disse, pela data que ela aponta, nós ainda não nos conhecíamos. Agora a realidade está posta . Você tem uma filha! E eu, meu amor, estou aqui de braços abertos para recebê-la. Tente aproximar-se dela para convivermos como uma família unida e harmoniosa.

— Quanto a mim, papai, acho tudo isso verdadeiro, pois tenho certeza absoluta que vovô não iria se prestar a uma mentira. Com certeza, ele foi pesquisar à procura da



verdade. Estou achando ótimo ter uma irmã!

— Então vocês concordam que eu vá procurá-la?

— Concordamos – responderam em uníssono.

— Está bem. Suas respostas vêm ao encontro também, de minha vontade. Então iremos todos aos Estados Unidos da América. Vamos nos programar!

## Capítulo 4

### O acidente

— Nós temos uma viagem de férias programada. Iremos todos à Grécia – berço da cultura. Na volta escolheremos uma data e iremos para a América. Mas antes, eu gostaria de escrever e deixar registrado num documento particular, toda essa revelação e a nossa intenção com respeito a minha filha Bárbara – a irmã de Zawalli e sua futura enteada, meu amor.

— Acho que esse documento, que nós três assinaremos, servirá para demonstrar nossa intenção com respeito a ela. Se ela nos receber, acolher e um bom entendimento se estabelecer entre nós, ótimo. Mas, se tudo acontecer ao contrário, nós enviaremos esse documento e mais a carta de sua mãe – Miriam — e ainda, as fotos, pelo correio. E aguardaremos, pois quem sabe algum dia ela possa refletir e compreender que estamos realmente de braços abertos para recebê-la com muito amor em nosso lar.

— Benazyr, minha querida, veja como a Vida nos ensina de uma maneira, que nós nunca iríamos imaginar. Nós, sempre tivemos o desejo de ter uma filha, Por razões que desconhecemos, não conseguimos. Mas, como em nossas vidas, há muitos caminhos que devemos percorrer; caminhos que se encontram, caminhos que se cruzam e caminhos que correm paralelos. Num desses, agora, talvez por força que o destino nos proporciona, oferece-nos para

nossa alegria, uma filha – Bárbara.

— Joseph, eu vou me desdobrar ao máximo para que ela sinta todo nosso amor e me aceite como sua grande amiga e, quem sabe também, como sua “mãe”.

— Eu também vou fazer todo empenho para agradá-la. Avalio o quanto essa “menina” deve ter sofrido sem ter tido um pai presente e o quanto sofreu com a doença que solapou a saúde da sua mãe; eu a admiro muito, é uma “menina” valorosa, de firmes propósitos, pois conquistou seu objetivo profissional – tornou-se uma arqueóloga.

***“Amar, no sentido profundo do termo, é o homem ser leal, probo, consciencioso para fazer aos outros o que queria que estes lhe façam; é procurar em torno de si o sentido íntimo de todas as dores que acabrunham seus irmãos, para suavizá-las; é considerar como sua a grande família humana, porque essa família todos encontrareis, dentro de certo período, em mundos mais adiantados:...”***  
***(O Evangelho Segundo o Espiritismo — cap.XI— Sansão 1863)***

Como era hábito de Zawalli, todo fim de semana ele comunicava-se com seu pai e sua mãe. Ainda mais agora que queria saber notícias sobre alguma resolução a respeito de sua irmã.

Após o período de férias, Joseph, certa noite, assistindo a uma reportagem na televisão, chamou a atenção de Benazyr, sobre os conflitos na região de Gasa,

onde muitos inocentes, incluindo crianças, perderam a vida.

— Veja meu amor, esta região há muito tempo está como um caldeirão fervendo de ódio; que coisa terrível o que está acontecendo com esta gente indefesa. São dezenas de mortes todos os dias. Acho até que são enterradas em valas comuns sem qualquer identificação.

E ele continua: — Benazyr, assistindo a essas notícias me vem a vontade de providenciar o local de nossa última morada. Acho que isso é importante.

— Joseph, confesso a você que não gosto de pensar sobre esses assuntos, muito embora, essa seja a mais certa das realidades da vida – a morte.

— Amanhã mesmo, comunicar-me-ei com meu amigo marmoreiro.

Na mina marmoreira, Joseph, acompanhado por seu amigo, estava escolhendo as pedras com a cor mais acentuada de rosa, quando uma grande explosão aconteceu no depósito da empresa. Joseph, seu amigo e mais dois empregados morreram.

Benazyr encontrava-se só, pois seu filho estava em Londres cursando o último período da faculdade. Quando ela soube do terrível acidente, houve a necessidade de ir até o local, realizar a difícil tarefa de reconhecimento do corpo. E mesmo após verificar o quanto o corpo de seu marido estava danificado, com firmeza e com o rosto banhado em lágrimas, providenciou a cremação. Zawalli não chegou a tempo para as exéquias.

— Meu filho, aqui estão os restos mortais incinerados do seu pai. Era desejo dele mandar erigir um

túmulo de mármore rosa. Essa era sua intenção, quando ele faleceu naquele horrendo acidente. É de minha vontade concretizar esse desejo. Assim, gostaria que você me ajudasse nessas providências.

— Pode deixar, mamãe, que ainda hoje, vou procurar uma empresa que cuide desses assuntos, assim como irei à empresa em que papai trabalhava, para saber se eles tem alguma previsão nesse sentido em relação aos seus funcionários.

Zawalli ficou um mês em Amman ajudando sua mãe. Contratou um advogado para cuidar de todos os papéis do inventário, do seguro de vida e do possível benefício que sua mãe poderia ter, por parte do governo, em virtude da morte do marido. Após essas providências, regressou a Londres para realizar as últimas provas.

Benazyr compareceu a todas as cerimônias de formatura do seu filho – engenheiro de prospecção. Ela dizia: — Filho, acredito que seu pai está aqui conosco e orgulhoso com a sua conquista. Esteja certo disso!

— E eu, mamãe, também estou feliz e orgulhoso por tê-lo tido como meu pai e a senhora como minha mãe. Ambos sempre me deram todo apoio para essa conquista, que não é só minha, mas de vocês também.

Zawalli, logo que regressou a Jordânia, conseguiu ser aprovado no concurso do governo, para preenchimento de vaga dentro da sua especialidade. Estava felicíssimo com esse sucesso — jovem, bom emprego e boa remuneração.

Mas em casa, ele constantemente encontrava sua mãe sempre muito triste, quebrantada. Era comum

encontrá-la com grossas lágrimas escorrendo pelo rosto e vestida com um manto negro, cobrindo-a da cabeça aos pés.

— Mamãe, eu e a senhora, igualmente, estamos sentindo muito a falta de papai — homem decidido, inteligente, de visão ampla para a vida, aconselhador, e do amor que nos dedicava. Mas, mamãe, é como a senhora disse certa vez: “— Ele está aqui, orgulhoso de sua conquista”. Lembra que me disse isso quando coleí grau?

— Então, minha mãe, acredito que ele esteja conosco e lhe digo mais uma coisa: papai deve estar muito triste por vê-la dessa maneira, chorando pelos cantos e vestindo-se desse modo. A senhora tem que reagir, tem que voltar a lecionar, tem que viver a vida; parece que a senhora quer morrer de tristeza! A vida continua, mamãe, a senhora sabe melhor do que eu. Eu creio até que a senhora sabe, que pelos seus estudos da História da Humanidade, que os acontecimentos vão surgindo e desaparecendo; assim como as pessoas que se destacam nesse cenário fazem as suas histórias, deixam ensinamentos para serem estudados, apreendidos, assimilados e, por alguma razão, falecem.

***“936— Como as dores inconsoláveis dos que ficaram na Terra afetam os Espíritos que partiram?”***

***— O Espírito é sensível à lembrança e às lamentações daqueles que amou, mas uma dor incessante e desarrazoada o afeta penosamente, porque ele vê nesse excesso uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus, e por conseguinte, um obstáculo ao progresso e talvez ao próprio reencontro com os que deixou” (O Livro dos Espíritos – Livro IV – cap.1 – item II)***

— Mamãe, nós estamos vivos e a vida está aí, vamos continuar fazendo a nossa história, encarando as situações com firmeza, ganhando ou perdendo. Não podemos ficar estagnados, parados, observando os acontecimentos passarem por nossos olhos, sem que neles atuemos com ânimo forte. Devemos ser participantes ativos; personagens atuantes, sorrindo ou chorando; preferencialmente sorrindo para a vida. Como já disse, a senhora tem que voltar a lecionar, a se ocupar com aquilo que sempre gostou de fazer e que estudou para isso – dar aulas sobre história das civilizações e voltar a vestir aquelas roupas bonitas, como sempre fez!

Eu também sinto muito a falta de papai, perdi o meu melhor amigo numa fatalidade, devo cultuar a sua memória? Sim, devo, mas tenho a minha vida para impulsionar para frente, como ele sempre desejou. Sou jovem ainda e tenho muitos planos para executar. Quero me realizar profissionalmente, construir minha casa, casar-me, constituir uma família numerosa, enfim, quero viver intensamente, com amor e honestidade. Tenho certeza que papai sempre desejou que eu tivesse sucesso em minhas realizações. E com tudo isso, minha mãe, quero ter a senhora ao meu lado, alegre, contente, feliz e risonha.

E há algo importante que requer da senhora uma mudança de atitudes urgente. Uma obrigação que para papai não houve tempo de realizar, mas, pelo assunto que ficou pendente, a senhora tem que cumprir.

— O que é que eu devo cumprir, se é que eu tenho essa obrigação!

— Lembra-se daquele documento que papai iria redigir, com respeito a Bárbara Landan Markinson?

Benazyr cerrou seus olhos, cruzou os braços sobre o peito, balançou a cabeça e respondeu: — Lembro muito bem, sim. Temos que localizá-la. Ela é sua irmã e minha enteada. Como será que está vivendo sem nenhum parente a sua volta. Não tem ninguém para recebê-la ou para se despedir quando volta ou sai de casa. Acho isso muito triste! Temos que localizá-la, afinal, esse era o desejo de seu pai e continuará também sendo o nosso. Vou fazer uma descrição minuciosa de tudo o que seu pai nos disse e, vou também, anexar aqueles documentos que o seu avô tinha na mala. Devo procurá-los, pois não sei onde se encontram.

— Hoje à noite vamos vasculhar essa casa de ponta a ponta. Deveremos achar. Infelizmente perdemos papai, mas vamos ganhar: a senhora, uma filha e eu, uma irmã, que até pelo seu nome já gosto dela.

— Espero que essa aproximação não seja muito conturbada, ou preferivelmente nada conturbada, pois é de todo o meu desejo aconchegá-la no meu colo e falar-lhe do amor e do carinho que Joseph sentiu quando soube da sua existência.



## Capítulo 5

### A doença fatal

Algum tempo atrás, nos Estados Unidos da América, Miriam lutava bravamente contra um câncer, que, já tivesse eliminado as suas duas mamas, ele, começava a se alastrar em seu corpo.

Bárbara, a cada dia, via sua mãe definhar, mas sem dor, à custa de pesadas drogas. Seu dia a dia era da faculdade, agora como auxiliar do departamento de arqueologia, emprego esse, conquistado por seus próprios méritos em virtude do ótimo desempenho como aluna, ao hospital. Isso perdurou por trinta dias, até que veio o desenlace inevitável.

Alguns dias antes, junto ao leito de sua mãe, esta, com um gesto, solicitou que retirasse o aparelho que lhe fornecia o oxigênio e falou com dificuldade: — Filha querida, nos meus pertences, em casa, deixei uma carta para você. Leia somente depois que tudo estiver consumado, por favor.

Instantes depois, Miriam faleceu.

Bárbara chorou muito. Estava só na vida; sem pai, sem mãe, sem irmão ou irmã, sem tios, sem avô ou avó, sem sequer um namorado, sem um ombro amigo;enfim, sem ninguém para consolá-la. Considerava-se a mais infeliz das criaturas.

***“Mantenha sempre esperança na vida e em você.***

***Somos todos filhos de Deus, o Criador da Vida e do Universo. Quando você estiver vivendo momentos ou horas de tristeza e desesperança, em que o céu de seus sentimentos esteja com nuvens pesadas e carregadas, prestes a explodirem em raios fulminantes ou chuva torrencial, pense no Amor infinito de Deus para com as suas criaturas – para com você....Pense nessa grandeza e nesse Amor de Deus e sua alma produzirá as energias da fé, da confiança, do otimismo e da alegria, afastando ou diminuindo as aflições”. (Revista Reformador n.2143/2007 – pag.20 – Mantenha a Esperança – Aylton Paiva)***

Ao tomar as providências necessárias, recordou-se que o desejo de sua mãe era ser cremada. E assim foi feito. Bárbara era a única pessoa em frente àquele caixão; chorava muito, reclamando da vida e de Deus.

E chorava convulsivamente, enquanto aguardava o táxi, em frente ao edifício do crematório, tendo em mãos os restos da sua mãe, numa pequena urna.

No apartamento, Bárbara insone, via as horas passar e chorava, chorava e chorava. Viu o dia amanhecer nebuloso, chuvoso e triste como ela. Fez o seu café, enquanto tomava, olhava para a urna de sua mãe e pensava: “A mamãe não me disse onde eu deveria depositar suas cinzas. O que é que eu faço, Deus? Será que você existe mesmo? Eu sempre fui órfã de pai, sofri e sofro por nunca tê-lo conhecido e agora fico órfã de mãe! O que mais você quer que eu sofra? Quer que eu também morra?” Grossas lágrimas corriam por aquele lindo rosto.

***“A existência terrestre, efetivamente, impõe angústias inquietantes e aflições amargas. É conveniente, contudo, que as criaturas guardem serenidade e confiança, nos momentos difíceis” (Caminho, Verdade e Vida – cap.32 – Emmanuel***

Deitou-se um pouco no sofá da pequena sala, cerrou os olhos e dormiu. Acordou depois do meio-dia, com o corpo todo dolorido e logo lhe veio em mente, que deveria ler a carta de sua mãe. Encontrou-a, dentro de um romance, na cabeceira da cama. Descobriu que eram duas cartas: em uma, sua mãe manifestava o desejo de ser cremada e que suas cinzas, se possível, fossem jogadas nos arredores de Las Vegas, cidade onde fora muito feliz; e na outra, declarava que no banco em que mantinha sua conta corrente, possuía um cofre de aluguel, onde estava o seu diário. Dizia ela num trecho da carta: “Minha filha, leia com vagar, sem pressa, e me perdoe”.

Bárbara para de ler, cerra os olhos e tenta organizar seus pensamentos, falando alto para si mesma: “— Mas porque motivo ela me pede que a perdoe? Ela sempre esteve presente em tudo na minha vida, como uma mulher forte e determinada; sempre esteve me aconselhando; sempre foi a minha melhor amiga. O que será que está escrito neste diário, que a faz considerar-se culpada e que de alguma forma está relacionado a mim?”.

No dia seguinte, Bárbara havia resolvido que não iria ao trabalho, mas lembrou-se que deveria tomar posse do cargo que a levaria a fazer uma extensão universitária no Museu do Cairo.

O abatimento que a acometeu horas atrás se transformou em euforia. O que estava acontecendo, com referência ao trabalho e ao estudo, era um enorme presente.

Bárbara só pediu a direção do departamento após trinta dias. Precisava antes por a sua vida em ordem, cumprir o desejo materno, entregar o apartamento, doar alguns pertences da casa, tirar o passaporte e retirar o diário de sua mãe, depositado no banco.

Com todas as providências concluídas, malas feitas, sem esquecer dos seus livros acadêmicos e também, os dois volumes do diário de sua mãe, Bárbara viajou.

Foram dez horas de cansativa viagem, várias escalas e, abundantes sentimentos conflitantes. De um lado, a euforia por ter sido agraciada com a concorrida vaga, de outro, a tristeza pela falta da mãe, que poderia estar ao seu lado compartilhando daquela conquista.

Enfim no Cairo, calor abrasador, trânsito caótico. Com a reserva do hotel confirmada, rumou para lá a fim de se refazer da extenuante viagem.

No Museu do Cairo apresentou-se e muitas providências foram tomadas, como o seu registro na entidade e conhecimento do programa que deveria executar.

Saía muito cedo para o trabalho e voltava somente à noite, exausta. O estudo e o serviço de campo eram os mais cansativos, mas também muito compensadores. As excursões de visita às pirâmides e as viagens ao longo do

Nilo, estudando e levantando dados nos templos de Luxor e Karnak, eram de enorme deslumbramento e a melhor concretização de seus objetivos como egiptóloga.

Dois anos passaram céleres. Finda a sua extensão universitária, Bárbara é convidada pelo próprio museu, para ficar pelo menos por mais um ano, a fim de que pudesse concluir seu trabalho, que fora estendido para outras tarefas.

Antes, porém, de reiniciar os seus estudos e trabalhos, resolve passar uns dias de descanso numa concorrida cidade litorânea da Jordânia – Aqaba, e assim, aproveitar para ler os diários que sua mãe havia deixado, uma vez que, em virtude do muito trabalho que cumpria, não tivera tempo e nem disposição para lê-los, como era de seu desejo, já que pairava em sua mente o pedido de perdão que sua mãe lhe fizera – “Minha filha, leia com vagar, sem pressa, e me perdoe”.

## Capítulo 6

### A identificação

A tensão no Oriente Médio se agigantava. Era para os olhos da humanidade, uma atmosfera comum aquela — de hostilidades entre israelenses e palestinos da faixa de Gasa. Mas neste momento, o panorama realmente era bélico. As autoridades governamentais, obstinadas em seus propósitos, agiam com rigor na defesa de seus territórios. Palestinos e israelenses culpavam um ao outro pelo início das ações belicosas e sem medirem consequências, dizimavam inocentes às centenas.

A Organização das Nações Unidas, por seus dirigentes e países componentes, movimentava-se propondo o cessar fogo, mas os esforços nesse sentido, não surtiam efeito algum. Os palestinos de Gaza estavam inferiorizados frente aos aparatos bélicos israelenses, e como resultado, suas cidades e seu povo eram os mais afetados. As manchetes das empresas jornalísticas do mundo todo não anunciavam outro evento, senão a guerra na faixa de Gaza, número de mortos, escolas destruídas, hospitais atingidos, etc.

Zawalli, depois de um extenso período de trabalho, conseguiu quinze dias de folga. Seu desejo inicial era conhecer com mais vagar a cidade de Haifa, mas, com todas aquelas atribulações acontecendo entre israelitas e palestinos, resolveu ir mesmo para Aqaba, cidade litorânea,

calma e muito bem frequentada.

— Filho, com esses dias de férias, não seria melhor para nós, irmos aos Estados Unidos e tentar encontrar a nossa Bárbara? Ou quem sabe contratar um detetive que faça essa pesquisa para nós?

— Mãe, quero encontrar o quanto antes minha irmã, mas no momento preciso espairer; quero ficar à beira do mar, só olhando para ele; se possível, não quero pensar em nada. Nesses quinze dias, só uma coisa eu desejo: Quero que esteja comigo. Vai ser muito bom para a senhora também!

— Não, meu filho, eu estou muito bem aqui. E você tome cuidado!

— Uma coisa, mãe... a senhora já escreveu aquela carta que papai gostaria de ter redigido, sobre o envolvimento dele com a senhora Miriam?

— Se eu não me esqueci de nada, terminarei hoje.

— Mãe, gostaria de levar essa carta comigo, quem sabe possa me lembrar de alguma coisa que papai falou e que a senhora não escreveu.

— Está bem!

Zawalli encontrou a cidade de Aqaba, sem muito movimento. Estava perfeita para quem quer e precisa de descanso.

Já havia passado três dias e em todos eles, Zawalli observava que à sombra das tamareiras ou nas espreguiçadeiras ao redor da piscina, estava sempre, uma

linda jovem lendo.

Certa vez, após longa caminhada pela praia, passando perto daquela jovem muito bonita, que identificou não sendo de origem árabe, teve o ímpeto de se aproximar mais, e então, puxou assunto com uma pergunta infantil: — Noto que você gosta de ler!

Ela olhou para seu interlocutor, examinou-o e educadamente respondeu: — Gosto de ler sim! Mas estes não são romances, são diários da minha mãe.

— Senhorita, desculpe-me a intromissão, pois essa realmente é uma leitura de acontecimentos reais, ótimas lembranças e muito importante: não é uma ficção.

— Sim, não é ficção, mas tenha a absoluta certeza que eu gostaria que fosse. Nestes volumes está toda a vida dela. Ela era professora de História Universal e deixou os seus diários para que eu os lesse, somente depois de seu falecimento.

— Senhorita, mais uma vez peço-lhe desculpas e receba os meus sentimentos. Eu sei como se sentem os órfãos. Também perdi meu pai! Que coincidência... a minha mãe também é professora de História Universal.

Senhorita, acho que devemos nos apresentar.

— Concordo: Eu sou Bárbara Landan Markinson, sou americana do Estado de Nevada, tenho ascendência judia de terceira geração, sou arqueóloga e estou em extensão universitária no Museu do Cairo.

Bárbara notou que o moço a sua frente ficou pálido repentinamente.

— Moço, por favor, sente-se aqui. Você está bem? Quer que eu chame um médico? Será que aqui tem



médico?

— Não senhorita, não chame ninguém não. Eu já estou me equilibrando e vou me apresentar: Sou Zawalli Munir, jordaniano, filho de pai americano e mãe jordaniana, sou engenheiro de prospecção e trabalho em Amman.

Propositadamente, Zawalli ocultou o seu sobrenome.

— Foi um prazer conhecê-la, senhorita Bárbara. Faço votos que as notícias desses diários, tragam-lhe prazer por estar lendo a vida da sua querida mãe.

***“388 – Os encontros que se dão algumas vezes entre certas pessoas, e que se atribuem ao acaso, não seriam o efeito de uma espécie de relações simpáticas?”***

***— Há, entre os seres pensantes, ligações que ainda não conheceis. O magnetismo é a bússola desta ciência, que mais tarde compreenderéis melhor” (O Livros dos Espíritos)***

Afastando-se, os pensamentos de Zawalli agitavam-se como num torvelinho: O que eu faço? Apresento-me como seu irmão? Mas é ela mesmo? O nome é idêntico ao da carta que Mirian escreveu para papai, relatando sobre a filha. Será que devo avisar mamãe para se entender com ela? Afinal, as mulheres tem mais jeito. O que é que eu faço? aguardo mais um tempo até nos relacionarmos melhor?

Nessa noite, Zawalli dormiu com todas essas interrogações.

No dia seguinte pela manhã, não encontrou Bárbara.

Em suas andanças nos arredores do hotel e na praia, não a avistou. Durante o almoço, à tarde e na hora do jantar, também não a viu.

Foi até a portaria, indagou sobre ela. Obteve a resposta de que ainda estava hospedada no hotel.

— O que será que aconteceu? Será que ela está doente?

O dia passou e ela não compareceu nem para as refeições.

A noite enluarada embelezava toda a natureza do lugar. Pela praia privativa, Zawalli caminhava como igualmente faziam muitos hóspedes. Num determinado momento, encontrou-se com Bárbara.

— Boa noite, senhorita Bárbara, como vai?

— Senhor Zawalli, eu não quero conversar. Preciso ficar só!

— Desculpe-me, senhorita!

Ele continuou andando um longo tempo pela orla marítima, tentando entender a atitude dela. Retornando, e já em frente à porta do elevador, ele ouviu alguém chamá-lo. Virou-se, era Bárbara.

— Senhor Zawalli, vamos conversar; aliás, eu necessito desabafar. Antes, porém, quero pedir-lhe mil desculpas por minha grosseria e pela resposta que lhe dei. O senhor é uma pessoa educada, bem intencionada e não merece que alguém o trate mal. Como disse anteriormente, eu quero fazer um desabafo, senão, acho que meu cérebro vai explodir. O senhor poderia me ouvir?

— Serei todo ouvidos senhorita e se eu puder ser útil em algum aconselhamento... Mas antes, por favor, não

me trate por “senhor”.

— Está bem, e a mim, trate-me somente por Bárbara.

— Então, estamos combinados.

— Para o que eu pretendo lhe falar, acho que não caberá aconselhamento, pois os fatos aconteceram num passado distante e não há como mudarmos aquele cenário triste.

— Vou lhe falar de um assunto que me maltrata, angustia e me enche de ódio; tudo isso ao mesmo tempo. Quando nós nos conhecemos, eu estava lendo os diários de minha mãe. Lembra-se? Então, o que estou sentindo agora, tem a sua origem naqueles volumes. Eu estou possessa de ódio... Agora eu entendo o abatimento que sempre vi em minha mãe; desde quando me entendi como “gente grande”, vi-a adoentada e triste, e apesar disso, sempre procurando me dar um bom ânimo para a vida.

— Minha mãe morreu cancerosa e mutilada, pois ficou sem os dois seios; e tudo, se você quer saber, por causa de um homem que ela amou, que a engravidou e a abandonou; esse miserável, crápula, aproveitador de jovens inocentes. Acho que para você, o nome desse assassino não é importante, mas o meu ódio é tanto, que eu vou dizer aos quatro cantos do mundo quem foi esse homem: Foi Joseph Markinson. Tomara que não tenha morrido ainda, pois, é de todo meu desejo encontrá-lo e se conseguir, quero pô-lo na cadeia.

Dos olhos da jovem, rolavam grossas lágrimas.

— Bárbara, eu não sei o que dizer, no entanto tenho muito a lhe falar, só que os meus pensamentos estão

confusos nesse instante, em face desse seu relato e de seu estado emocional assoberbado...Acho que não serei convincente para que você se acalme e que possamos nos entender; você está muito alterada.Bárbara... Essa situação, eu também me encontro dentro dela.

— Não, Zawalli, você não precisa me dizer nada. Desculpe-me se falo assim. Eu somente agradeço por ter-me ouvido.

Zawalli ficou até aliviado, porque Bárbara, em decorrência do seu estado desequilibrado, não entendeu o alcance das palavras proferidas por ele.

Sem muito que dizer naquele instante, ele acrescentou: — Bárbara, gostaria que você soubesse que eu desejo muito ajudá-la, não só nesse momento no qual se encontra. Saiba que você poderá contar comigo em qualquer outra situação.

— Obrigada amigo, acho que abusei demais da sua atenção e paciência.

Ao se despedirem: — Bárbara, amanhã cedo posso aguardá-la para tomarmos o café da manhã?

— Pode!

Na manhã seguinte, bem cedo, ele já a aguardava no restaurante. Escolheu uma mesa bem afastada, num canto.

Ela, muito bonita, alta, vistosa e vestida com discrição, foi alvo de muitos olhares.

— Bom dia, senhorita. Espero que tenha tido um bom sono e ótimos sonhos.

— Dormi pela ação de remédio.

Tomaram um lauto café e foram para um local à sombra de umas tamareiras.

Zawalli, a todo momento, trocava entre suas mãos um envelope amarelo, o que chamou a atenção de Bárbara.

— Posso perguntar uma coisa, Zawalli?

— Sim.

— Porque você passa esse envelope, ansiosamente, de uma mão para outra? Isso está me deixando apreensiva e nervosa!

— Bárbara, eu juro que essa não é minha intenção. O que eu desejo de todo o meu coração, acredite, é estar sempre em paz com você e que mantenhamos um ótimo relacionamento. Tenha absoluta certeza que o meu intuito não é conquistá-la para um final relacionamento entre homem e mulher.

Essa afirmação a deixa perplexa. E ela então pergunta: — O que é então?

— O meu objetivo é bem outro, que no meu modo de entender, é muito mais sublime. Para iniciar, Bárbara, confesso a você, que verdadeiramente, do meu mais puro sentimento, eu gostaria de ter conhecido a sua mãe – Dona Miriam.

— Espere um pouco Zawalli. Como é que você sabe o nome da minha mãe, pois se não estou enganada, eu não pronunciei o nome dela, em nenhum momento da nossa conversa! Explique-se!

— As minhas razões são muito simples e ao mesmo tempo complexas.

— Zawalli, por favor, deixe de rodeios. Seja mais prático!

— Eu lhe disse que seria bem simples, porque numa pequena palavra poderia resumir tudo o que tenho para lhe dizer e mostrar; e complexo, porque em decorrência disso tudo, algo que não desejo poderá acontecer. Mas vou começar lhe dizendo: uma família inicia-se com dois vínculos – homem e mulher. Pois bem, nós dois temos em comum um desses vínculos: o homem – o pai.

— Explique-se melhor. Estou ficando nervosa!

Zawalli tirou do seu bolso, a sua carteira de identidade de dupla cidadania expedida pelo Consulado Americano, entregou-a para Bárbara e ficou aguardando a reação.

Bárbara examinou bem aquele documento, olhou para ele firmemente e perguntou: — Ele é realmente o seu pai?

— Sim, e você é minha irmã. Desde o momento em que eu soube, uma alegria encheu meu coração, assim como o dele enquanto era vivo, e também da minha mãe.

Ela nada respondeu, mas perguntou: — Você tem mais alguma coisa para me mostrar? Se tiver, mostre-me logo, que estou ficando muito nervosa.

— São estes: uma carta redigida por sua mãe e que foi enviada ao meu avô para ser entregue ao meu pai; algumas fotos suas e uma declaração expondo os desejos do meu pai, mas que devido ao seu falecimento antes ter a oportunidade de escrevê-la, foi escrita por minha mãe. Isso tudo endereçado a você.

Bárbara pegou aqueles papéis, ficou com eles um bom tempo sem lê-los e, num gesto rápido, jogou-os na direção de Zawalli, falando: — Olha aqui, eu não quero nada

com vocês. Estou muito bem sozinha. O seu pai matou minha mãe. Ele é um assassino. Se um dia eu tiver a oportunidade de estar em frente a sua sepultura, dou uma cusparada nela. E retirou-se falando alto: “Não me procure nunca mais”.

***“As criaturas serenas agem com reflexão e tolerância sem reclamar e suportam por amor à paz dos outros e, sobretudo, sabem aguardar o tempo claro para examinar os enigmas que se lhes apresentam nos dias de sombra, sem a mínima intenção de se sobreporem ao interesse geral” (Sol nas Almas – cap.53 – André Luiz)***

Zawalli, no mesmo dia, fechou a sua conta no hotel e regressou a Amman.

Junto a sua mãe, Zawalli narrou tudo, desde o primeiro encontro até a ação repulsiva de sua irmã, não aceitando os fatos e ofendendo a honra de seu pai.

— Ela disse mais, mamãe: Que não queria nada conosco e que vivia muito bem sozinha.

— Filho, o que seu pai desejou fazer, nós fizemos por ele e por nós mesmos. Desde o primeiro momento em que soubemos que ele tinha uma filha, eu, uma enteada e você, uma irmã, ficamos felizes e desejamos nos aproximar. Nossa família seria aumentada com muito amor. Fizemos a nossa parte, que foi a nossa obrigação. Mas filho, eu não desistirei. Agora sabemos que ela trabalha no Museu do Cairo. Providencie, meu filho, cópias de todos esses papéis que você apresentou a ela e vamos remetê-los com registro postal; ela irá receber. Particularmente, eu vou escrever uma

carta expressando os meus sentimentos. E vamos ver qual será a reação da nossa querida parente.

— Mamãe, eu também, vou escrever para ela e, irei transcrever uma oração muito bonita e expressiva, que certa vez li no quadro de avisos da faculdade. Tinha o seguinte título: Benção antiga irlandesa. Lembro-me bem, de em uma das suas frases: “Quero que você possa ter uma família unida, onde nela tenha sempre o amparo amoroso e sincero; Quero que você tenha sempre um amigo ou uma amiga, e que nele ou nela possa confiar e confidenciar seus sonhos e anseios”.

— Faça isso meu filho, pois é esse o nosso desejo de aconchegá-la em nossos braços e que ela sinta o nosso amor e amizade.



## Capítulo 7

### A comunicação

A carta e outros papéis copiados foram enviados para Bárbara; não houve retorno. Portanto, Benazyr e Zawalli admitiram que ela os recebeu.

Dois anos se passaram e por todo esse tempo, Bárbara, quando no seu quarto se recolhia em pensamentos, refletia sobre sua vida, e a melancolia a assaltava. Todos os dias.

***“Sabeis por que, às vezes uma vaga tristeza se apodera dos vossos corações e vos leva a considerar amarga a vida? É que vosso Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade, se esgota, jungido ao corpo que lhe serve de prisão, em vãos esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, toma-vos a lassidão, o abatimento, uma espécie de apatia, e vos julgais infelizes.”***  
***(O Evangelho Segundo o Espiritismo – cap.V – item 25)***

Profissionalmente estava realizada, pois já era uma egiptóloga efetiva do departamento de arqueologia. Sobre sua mesa de trabalho, em casa, lá estava aquele envelope vindo de Amman, tendo como remetentes Zawalli Munir Markinsong e Benazyr Markinsong. Há dois anos na sua

frente e ainda fechado.

Bárbara, agora com mais responsabilidades, tinha suas atividades praticamente dobradas. Além das pesquisas e estudos já existentes que deveriam ser registrados e catalogados, outras tantas, referentes às novas escavações, achados e informações teriam que ser acompanhadas pelo departamento no qual trabalhava e assim, muitas excursões ao campo eram efetuadas. Tudo isso era estafante, extenuante, mas era isso mesmo que ela queria, aliás, essas eram as únicas atividades que ela realizava com alegria e prazer.

Ela não pensava ou fazia outra coisa senão trabalhar; e trabalhar com afinco, interesse e vontade de produzir, para mostrar ao mundo as decifrações de uma civilização rica, próspera e culta – a antiga civilização egípcia.

Bárbara tinha uma amiga casada, funcionária do mesmo departamento em que trabalhava; era Hatshep, que com boa percepção e sensibilidade, algumas vezes a surpreendia chorando, triste, melancólica. Hatshep indagava sobre as razões da tristeza ou das lágrimas, mas nunca havia obtido uma resposta convincente. Isso ocorreu muitas vezes.

Certo dia, Hatshep convidou Bárbara para que fosse a sua casa no fim de semana – domingo – para uma comemoração natalícia. Era aniversário de um dos meninos – fazia quinze anos. A parentela toda estava lá e a confraternização entre eles era contagiante, com muita cantoria; e Bárbara, também feliz com aquele clima de harmonia, a tudo observava.

Em um momento, Hatshep convidou para irem a um

aposento.

— Bárbara, minha amiga, eu a vejo muito triste ultimamente. Gostaria de poder ajudá-la de alguma forma. O meio que pensei para lhe fazer algum bem, vê-la sorrir e ser feliz, foi trazê-la à minha casa no dia de hoje.

— Realmente Hatshep, eu estou me sentindo muito bem aqui na sua casa com todos os seus parentes e amigos.

— Fico contente Bárbara. Mas há alguém mais que quero lhe apresentar. Sabe quem é? É a minha sogra, aquela senhora mais idosa que lhe apresentei, ela tem o dom de notar o que as pessoas sentem ou alguma dificuldade que as acomete e também as aconselha. Eu, minha amiga, você sabe, já a surpreendi chorando algumas vezes e penso que isso só está acontecendo por uma situação mal resolvida ou por você estar no meio de um turbilhão depressivo. Mas eu não sei o que lhe dizer; não sei como aconselhá-la. Minha sogra, eu tenho certeza, será capaz de falar algo que poderá lhe ajudar. Ela não fala inglês, mas estarei ao seu lado para traduzir. Você concorda em se entrevistar com ela?

— Concordo!

— Minha amiga, quando ela estiver diante de você, irá fazer uma longa oração, provavelmente, você não vai entender nada, depois, ela fará alguns gestos sobre sua cabeça. Não se assuste! Esse é o ritual dela.

— Tudo bem, amiga!

E assim foi feito. Depois da oração, a velha senhora começou a falar, sendo traduzida imediatamente:

— Bárbara, você, uma jovem bonita...Tem que ter um coração feliz. Desanuvie a sua mente; saia dessa tristeza, pois ela poderá derrotar todos os seus ideais; pense em

coisas boas; não condene ninguém. Os acontecimentos do passado, com a perda de uma pessoa querida, a sua mãe, não foi obra e culpa de ninguém, mas sim da própria vida; do destino . Cada um de nós, temos o nosso. Ela tinha que passar por aquela situação de solidão e sofrimento. Você é uma mulher inteligente e sabe que todos nós nascemos, vivemos e morremos. E para morrer, alguma coisa deve acontecer: ou sofremos um acidente, morremos numa dessas guerras que nunca terminam, somos assassinados, morremos de velhice ou morremos de alguma doença grave. Sua mãe nunca culpou ninguém pelo mal que minou o seu corpo.

Você se sente sozinha nesse mundo, por razões próprias. Existem pessoas que a querem muito bem e que desejam preencher o seu coração com muito amor. Quero lhe dizer mais: Todos nós temos meios de movimentar coisas boas, pois temos muitos recursos para isso: a bondade, a fraternidade, o amor, o entendimento, a compreensão e o perdão; e se nos esforçarmos para entender as pessoas, garantiremos a paz em nossos corações. Essa mudança em nossos sentimentos se refletirá nos amigos que nos cercam e na família, que é a grande jóia de Deus.

Reze, reze com fervor minha filha, pedindo ajuda e conforto para o seu coração, ao seu Anjo da Guarda; todos nós, minha filha, temos um Anjo Protetor que vela por nós em todos os momentos e por toda a nossa vida; ele é um enviado de Deus que continuamente está nos tutelando, desde que a ele dermos essa oportunidade.

Isso que estou lhe dizendo, minha filha, é de grande importância: devemos dar aos nossos Anjos, oportunidade

para que eles realmente se aproximem de nós e tenham condições de agir em nossos pensamentos, sentimentos e auxiliar nossas ações. É assim que eles nos protegem!

Deus nunca nos desampara, e o Anjo da Guarda, que também está sempre velando por nós, se permitirmos e aceitarmos os seus conselhos, fará o mesmo.

***“491 – Qual a missão do Espírito Protetor?***

***— A de um pai para com os filhos: conduzir o seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida” (O Livro dos Espíritos – Livro II – cap.IX –ítem VI)***

— Desanuvie a sua mente, direcionando seus pensamentos para as coisas boas; faça um esforço para ver um outro lado da sua vida, não só o trabalho, mas também as pessoas, aceitando que se aproximem e possam lhe oferecer o calor do afeto sincero; elas, minha filha, poderão lhe dar muitos momentos felizes, pois lhe querem muito bem. Deixe de pensar no seu passado recente, que aos poucos, você começará a viver com mais alegria, começará a ver mais beleza no mundo, terá também, mais tranqüilidade, mais equilibrada e deixará, até, de ter sonhos horríveis, que muito provavelmente, são situações de um passado distante.”

Já fora do transe mediúnico, a velha senhora acrescentou:— Minha filha, pense, reflita no que lhe foi dito e comece com vontade firme a perdoar aquela pessoa que você, erroneamente, julga ser a grande causadora da

infelicidade de sua mãe e, agora também, da sua infelicidade.

***“17 – Sê indulgente com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julgueis com severidade, senão as vossas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para convosco, como de indulgência houverdes usado para com os outros” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – cap. X)***

A senhora levantou-se, abraçou a jovem Bárbara e beijou-a em cada face, dizendo: — Seja feliz, minha filha. Depois que você encontrar a felicidade, venha tomar um chá comigo, pois ainda tenho muita coisa a lhe dizer. Mais uma vez eu lhe digo: Não perca a oportunidade, ao encontrar a “Felicidade” não a deixe escapar, porque este sentimento vai lhe dar um outro sentido a sua vida.

***“182 – Toda pessoa que, seja no estado normal, seja no estado de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas a suas idéias preconcebidas, podem ser colocadas na categoria de médiuns inspirados; (...) A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, mas ela é antes obra daqueles que nos desejam o bem e dos quais muito freqüentemente temos o desprate de não seguir os conselhos; ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar; (...) Se tivéssemos bem compenetrados desta verdade, recorreríamos mais freqüentemente à inspiração de nosso Anjo da Guarda nos momentos em que***

*não sabemos o que dizer ou o que fazer. Invoquemo-lo então com fervor e confiança em caso de necessidade, e ficaremos muito freqüentemente espantados das idéias que surgirão como por encanto, seja que tenhamos uma resolução a tomar, seja que tenhamos alguma coisa para compor. Se nenhuma idéia vier, é porque é preciso esperar.”*

*(O Livro dos Médiuns – cap. XV)*

## Capítulo 8

### Vale de Josafá

Zawalli, conversando com seu amigo Husayn, colega de cátedra de sua mãe, comentava sobre a disparidade de forças que havia na guerra entre palestinos e israelenses. Os estragos materiais do lado palestino eram enormes e infelizmente o número de mortes também, inclusive de um grande número de crianças.

Mas eles estavam em férias e planejavam juntos viajar.

Resolveram que fariam um roteiro de carro. Iriam a Jerusalém, Telavive, Haifa, Nazareth, Damasco e de volta a Amman.

— Vocês irão passar pelo norte de Israel e lá há uma colina histórica — Husayn conhece pela História. É o Monte Megiddo. O livro bíblico do Apocalipse o indica como o local da batalha do Juízo Final e narra que lá, em tempos idos, foram erigidas diversas fortalezas militares, umas sobre as outras, hoje, só há ruínas. No passado, aqueles que conseguissem se estabelecer no monte, tinham nele, um ponto estratégico, sobre o Vale de Josafá. — disse Benazyr.

— Será muito interessante dar uma olhada neste vale, deve haver muitas ruínas, se já não acabaram de destruí-las com tantas guerras. — completou Husayn.

***“742 – Qual a causa que leva o homem à guerra?”***



**— Predominância da natureza animal sobre a espiritual e satisfação das paixões. No estado de barbárie os povos só conhecem o direito do mais forte, e é por isso que a guerra, para eles, é um estado normal. À medida que o homem progride ela se torna menos freqüente, porque ele evita as suas causas, e quando ela se faz necessária ele sabe adicionar-lhe humanidade”**

**“743 – A guerra desaparecerá um dia da face da Terra?**

**— Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Então, todos os povos serão irmãos” (O Livro dos Espíritos – cap.VI – item III)**

— Vamos também, mamãe. A senhora vai gostar. Acho que a viagem não vai ser muito cansativa; e tem outra coisa, nós vamos alugar um veículo grande e bem confortável, talvez uma van. Vamos?

— Não. Ficarei por aqui mesmo. Mas uma coisa eu lhes peço: façam muitas fotos e tomem muito cuidado!

Como estava programado, iniciaram a viagem, atravessando a Cisjordânia, chegando a Jerusalém – Al Quds na língua árabe, cidade muito movimentada por numerosos turistas que para ali convergem, o que a torna internacionalmente conhecida como centro religioso e de peregrinações para três religiões – a judaica, a cristã e a muçulmana. Para os judeus, os principais pontos sagrados são: o Muro das Lamentações, que desde a destruição da cidade pelo rei Tito se tornou local de orações, e o túmulo de Davi, no Monte Sião. Para os devotos da religião cristã, a importância da cidade advém do fato de ela ter sido o palco

do martírio e morte de Jesus e de seus locais de adoração -o Morro do Calvário, o Santo Sepulcro, o Jardim das Oliveiras e a Via Dolorosa. Para os muçulmanos, o centro de peregrinação é a mesquita de Omar – Qubbatal-Sakhra – erigida no século VII.

Zawalli e Husayn ficaram na cidade por três dias e ambos observaram que em todos os lugares por onde andaram, os ambientes eram de uma leveza pacificadora e harmoniosa entre as pessoas, que notava-se nitidamente, serem de etnias diferentes.

Continuando a viagem, com muitas interrupções, em virtude do grande número de barreiras com os postos de fiscalização israelenses, chegaram a Tel Aviv, esgotados. No hotel, anteriormente reservado, só houve ânimo para tomarem um banho, deitarem e dormirem até o dia seguinte.

— Amigo Zawalli, confesso que não estou mais para fazer esse tipo de excursão, muito embora, até aqui,tudo esteja correndo muito bem; nada tenho a reclamar, mas eu estou com o corpo um pouco dolorido.

— Professor, podemos então modificar os nossos planos de viagem. Em vez de ficarmos somente dois dias aqui, ficaremos seis e em seguida regressaremos.

— Não ,Zawalli, mesmo um pouco dolorido,vou continuar nossa viagem. Pensando bem, de Jerusalém até aqui são apenas, conforme a placa da estrada,oitenta quilômetros. Acredito que meu cansaço se deve às inúmeras barreiras militares e à tensão das revistas; penso que tudo isso colaborou.Também acho que não estou habituado a esse tipo de viagem – desde Amman até aqui,

mesmo com aquela parada em Jerusalém. Mas meu amigo, eu não costumo mudar meus planos, a não ser para um outro melhor, e o melhor não é desistir. Nós vamos sim, até Damasco, a não ser que alguém nos proíba por algum motivo bélico. E olha aqui Zawalli, pode ser até que alguém nos proíba de seguir viagem, por causa dessa sua barba que você está deixando crescer e desse cabelo também – disse ele em tom de galhofa.

— É assim que se fala professor! Estou notando que os ares de Tel Aviv estão transformando o senhor. A jovialidade está ficando cada vez mais aparente – disse brincando Zawalli. Agora, quanto a minha barba e o cabelo que estou deixando crescer, é só para dar uma modificada na aparência.

— Bem, meu amigo, estamos nessa excursão em férias, portanto, vamos aproveitar e conhecer essa cidade. Diz a História que Tel Aviv nasceu como uma cidade dormitório, anexa a uma outra, denominada Jaffa. No entanto, por desentendimentos entre árabes e judeus que habitavam Jaffa, um distrito comercial foi criado –Tel Aviv -, e daí em diante o desenvolvimento não parou mais. Hoje, ela é um grande centro tecnológico, é o centro econômico de Israel e sede de muitas empresas de grande porte; é um centro turístico e tem belas praias. Foi a capital do país, apenas por um ano, mas a maioria dos países mantém nela as suas embaixadas.

Eles ficaram três dias em Tel Aviv e rumaram, continuando a viagem até Haifa.

## Capítulo 9

### Em Haifa

Em Haifa, a movimentação em frente ao hotel, onde iriam se hospedar, estava agitada com jornalistas, fotógrafos, televisão...

— Professor – disse brincando Zawalli – quando o senhor vai dar entrevista?

— Amigo, espero que eles não me perguntem nada, porque, se o assunto for a guerra entre palestinos e israelenses, vou dizer coisas pelas quais nenhum dos governantes irá me agraciar com alguma comenda.

Durante dois dias passearam pela cidade, que é muito bonita e histórica. Dizia o professor: — Zawalli, a existência de Haifa é muito antiga. Atribui-se aos cruzados na Idade Média, a responsabilidade pelo seu desenvolvimento e pela importância que atingiu nessa época. No entanto, foi quando da construção da estrada de ferro ligando-a a Damasco que esta cidade atingiu seu maior desenvolvimento, tornando-se um pólo industrial significativo. Como decorrência dessa prosperidade, Haifa foi disputada na guerra da Palestina, em 1948, e também foi alvo da cobiça dos iraquianos, durante a guerra do Golfo, em 1991. Sofreu muitos bombardeios. Hoje, ela abriga várias indústrias: de cimento, têxteis, de equipamentos eletrônicos, refinarias de petróleo, construção naval; a Universidade de Haifa e o mundialmente famoso – Instituto Technion, além de ser o maior porto de Israel.

Essa é uma resumida história de Haifa.

— Temos muito que ver então, não é professor?

— Além de tudo isso que lhe disse, ela é uma cidade muito bonita, onde judeus, árabes cristãos e drusos se congregam de forma harmoniosa e respeitosa.

No terceiro dia pela manhã, no refeitório do hotel, Zawalli repentinamente muda de lugar na mesa.

— O que está acontecendo, meu amigo?

— Dentro em pouco lhe digo. E Zawalli rapidamente pôs seus óculos escuros.

Três pessoas, sendo duas jovens e um senhor, acomodam-se muito perto em mesa vizinha, servem-se de café e logo se retiram.

— Professor, o senhor notou aquela moça alta, loira, bonita...

— Sim, mas não fui só eu que notei. Parece-me que ela chamou a atenção de todos que aqui estão! É uma bela moça.

— Vamos voltar ao quarto que eu lhe digo mais alguma coisa sobre ela.

E Zawalli conta toda história a respeito da jovem, em relação ao seu pai e a ele.

— Meu amigo, foi uma pena a forma como seu encontro com ela terminou, no entanto, eu não a culpo totalmente, afinal, ela admite que o câncer que vitimou sua mãe foi originado de uma grande tristeza, resultado do abandono que sofreu por parte de seu pai. É um pensamento irreal que ocorre na cabeça de algumas pessoas, o fato de impor a alguém a culpa pela perda de

alguma coisa ou de um ente querido, como é o caso.

— O meu desejo com referência a ela é conflitante. Considero tudo o que ela disse uma ofensa ao nosso nome de família. Desejo esquecê-la, mas, quase que imediatamente, quero que ela seja de fato a minha irmã, que comungue conosco a alegria de viver; quero ser para ela o amigo-irmão que ela um dia, talvez, tenha desejado, assim como, gostaria que ela fosse para mim a amiga-irmã que nunca tive. Mas, até o momento, estamos em compasso de espera. Quem sabe um dia ela nos aceite! Só desejo a ela, amigo Husayn, que Deus ilumine seu caminho, que ela possa nos aceitar e observar que estamos como que orbitando ao seu redor, sorrindo e aplaudindo o seu sucesso.

— Vamos ver, meu amigo, o que nos trará o futuro, pois nunca sabemos o que se passa na cabeça das pessoas. É possível que um dia, ela tome uma atitude de aproximação. A vida no seu cotidiano poderá ensiná-la por meio de seus relacionamentos com as pessoas, famílias; e isso poderá fazer com que ela repense sobre sua situação de pessoa só, sem parentes, pai, mãe ou irmão. Acho que podemos comparar esse caso, com as ondas do mar, que constantemente vão ao encontro de uma encosta, solapando-a, até que ela desmorone de uma vez. A encosta representa, por enquanto, a atitude firme dela, de repúdio ao seu pai, à sua mãe e a você; e as ondas representam a vida exterior que influenciam de todas as formas o seu viver. Eu, meu amigo, acho que devemos pensar de modo positivo: que um dia ela alinhará melhor seus pensamentos e virá para um encontro conciliador e definitivo, e você, meu caro Zawalli, com esse coração luminoso e aconchegante,

deverá estar de braços abertos, feliz, pronto para enlaçá-la num abraço afetuoso, sem pedir qualquer explicação.

***“O próprio Evangelho nos concita para que façamos brilhar a nossa luz, teste para o discípulo da Verdade. A luz significa virtude, e para brilhar a luz, colocá-la ante os companheiros necessário se faz que vivamos dia a dia as qualidades evangélicas preceituadas pelo Cristo.***

***O perdão é uma luz; perdoemos, que essa luz brilhará como esquecimento das faltas na seqüencia e garantia dos nossos sentimentos.***

***....A esperança é luz que sustenta a coragem e a alegria do viajor da vida e de estar cada vez mais visível em nossos caminhos.***

***Faça-se a luz, na luz da vida! Que ela liberta, anima e nos faz compreender o próprio amor; que ela não deixa de ser Sol que sustenta tudo que existe!”( Assimilação Evangélica – cap.49 – Bezerra de Menezes)***

No dia seguinte, no meio da manhã, rumaram para Damasco.

Viajaram um bom trecho, quando visualizaram uma placa: Megiddo/Vale de Josafá/Armagedon.

Ambos olharam-se, sem ninguém falar nada. Zawalli, que estava ao volante, dirigindo, entra na indicação da placa.

— Vamos dar só uma olhada na cidade e conhecer alguma coisa; talvez, irmos até o Vale de Josafá – disse Zawalli.

— Zawalli, eu gostaria de ficar aqui pelo menos um dia inteiro. Sabe o que é, tenho curiosidade de conhecer mais alguma coisa sobre esse vale e o Armagedon, local em que, segundo narra a Bíblia por intermédio do apóstolo João Boanerges, haverá a grande guerra.

— Tudo bem, professor. Mamãe também já me falou sobre essa história. Vamos ficar. Aliás, ela até sugeriu que viéssemos até aqui.

Foram a um pequeno hotel e acomodaram-se. Ainda durante o dia, andaram por toda a cidadezinha, apresentaram-se às autoridades do local, fizeram muitas perguntas sobre o sítio bíblico e contrataram um guia.



## Capítulo 10

### Em Megiddo

O guia contratado, não se soube o porquê, não compareceu. Assim mesmo, com algumas poucas informações e indicações por placas, chegaram ao Vale de Josafá. Não muito distante, eles avistaram uma tenda.

— Zawalli, vamos até aquela tenda. Com certeza devem estar fazendo um trabalho arqueológico; talvez algumas escavações. Afinal, este lugar deve ter muitas informações para a arqueologia. Nós, meu amigo, se acharmos um caco de cerâmica, no mesmo instante, arremessaremos para qualquer lado. Somos praticamente como dois cegos, se nos puserem sobre o Monte Megiddo, não saberemos para onde ir ou onde ficar e muito menos o que fazer. Portanto, eu acho que devemos nos agregar a algum grupo e aproveitarmos o que ele pode nos oferecer, como informações a respeito do Armagedon. Eu sei alguma coisa do que a História conta, mas estar aqui no local é bem diferente e tendo alguns informes de quem entende de arqueologia, desse assunto palpitante e dos povos que aqui se fixaram, será muito interessante. O que você acha?

— Por mim está tudo bem. Eu só vou tentar acompanhar com curiosidade, sem dar qualquer palpite.

— Então vamos!

Deixaram o veículo um pouco distante da tenda e para lá se dirigiram.

Sob a tenda, estava um senhor fazendo algumas anotações num computador portátil e ao seu lado, uma pequena bandeira do Egito tremulava. Isso encorajou o professor Husayn, que pensou: ele também é árabe, assim poderemos ter um bom entendimento.

Husayn apresentou-se, oferecendo a sua identidade, e falou-lhe sobre sua vontade, como professor de História Universal, de estar acompanhando alguns estudos arqueológicos naqueles sítios.

Zawalli reconheceu de pronto aquele senhor, que vira no hotel em Haifa e lembrou imediatamente de Bárbara, que estava em sua companhia, e receoso, apresentou-se como Zahi Munir, auxiliar do professor.

Husayan virou-se para Zawalli, com impressão interrogativa, mas, voltou-se àquele senhor, acrescentando: — Senhor, nós, com a sua permissão, estamos pretendendo obter do seu grupo, informações arqueológicas sobre este lugar e os povos que aqui exerceram o seu poderio. Em contrapartida, ficaremos à disposição para ajudá-los no que for necessário, até mesmo, para os trabalhos braçais.

Nesse momento, duas moças com suas roupas empoeiradas se achegam, tiram seus chapéus e os óculos escuros, e Bárbara se revela.

Zawalli, com um movimento rápido, pega seus óculos de sol e põe-nos no rosto, com medo de ser reconhecido.

— Professor Husayn, eu também sou professor — Nazin. O que lhe peço, é que me forneça um telefone da secretaria ou da diretoria da sua faculdade, pois tenho que me informar sobre o senhor. O senhor me entende, não?

— Claro professor. Aqui está meu cartão.

— Hoje ainda, conversarei com as minhas colegas de trabalho, que lhes apresento: Bárbara Landan Markinsong e Farah Benjhor. Amanhã eu lhes trarei a resposta.

Estavam hospedados no mesmo hotel e, na manhã do dia seguinte, ao se encontrarem, o professor Nazin, lhes informou:

— Senhor Husayn, estamos todos concordes com a sua presença entre nós, afinal, sabemos que a História e a Arqueologia caminham juntas. Portanto, seremos úteis reciprocamente.

— Professor Nazin e senhoritas, em meu nome e do meu “auxiliar”, Zahi, agradecemos a acolhida. Quando deveremos ir ao trabalho?

— Agora mesmo, senhores. Iremos do lado nordeste do Monte Megiddo. Pelas nossas anotações, existem indícios de que em algum lugar daquele local, foi construída uma enorme estrebalaria pelo grande rei Salomão. Temos que aproveitar o frescor da manhã para desenvolvermos o nosso trabalho. – disse Nazin.

O dia foi de muito calor. No hotel, de retorno, estavam todos ao redor de uma mesa após a refeição da noite, comentando sobre pequenos achados e revelando as suas decepções nos resultados do trabalho.

— Professor Husayn, quais foram as suas impressões e diferenciações, no que diz respeito ao seu trabalho – perguntou Farah.

— Doutora, confesso que o trabalho no campo é cansativo e acalorado. Mas é muito interessante e nos dá

uma expectativa enorme quando estamos ali na esperança de que algo apareça. Eu avalio que quando vocês encontram alguma coisa bem representativa, devem sentir uma euforia enorme. E é isso mesmo que todos nós esperamos sentir, principalmente vocês, experts no assunto de arqueologia. Quanto à distinção de trabalho, o nosso é mais centrado nas bibliotecas, nos valendo das atividades e dos estudos que vocês arduamente promovem.

— Cada punhado de areia fustigado por esse sol inclemente e causticante testemunha mais de sete mil anos de guerras históricas, de fortalezas erguidas e destruídas, umas sobre as outras, por povos sedentos de poder e de conquistas. Esse vale foi palco de inúmeras batalhas promovidas pelos hicsos, egípcios, judeus, assírios, babilônios, persas, romanos e muitos outros, na sanha de dominar o vale que tinha na época uma situação estratégica privilegiada. O rei Salomão foi um dos que dominou por muito tempo esse vale, construindo ali uma enorme fortaleza. Os sinais que ainda perduram são poucos, mas alguns importantes, como o Templo da deusa Astarte, erigida pelos cananeus, e alguns outros.

— Então, meus amigos, acho que o trabalho à frente, ainda vai ser de grande expectativa e faço votos e empenho para que seja de sucesso.

— Muito bem professor, sua aula foi muito interessante. Agora vamos dormir, pois amanhã é outro dia!

— Eu vou ficar mais um pouco. Quero aproveitar a fresca e admirar esse céu encantador – disse Bárbara.

— Posso lhe fazer companhia?

— Será um prazer professor Husayn, quem sabe o

senhor possa me ensinar alguma coisa sobre astronomia.

— Olha, até que eu sei alguma coisa e hoje o céu está maravilhoso. Lá está a constelação de Órion – é a constelação do caçador. Ah, Doutora, há algo interessante que está me ocorrendo : Tenho lido, só não me recordo agora onde eu li, que um engenheiro egípcio, filho de pais belgas, nascido na Alexandria e que passou muito tempo vivendo aqui no Oriente Médio, defendia uma tese de que o alinhamento das pirâmides tem uma ligação perfeita com o alinhamento das estrelas, Mintaka, Alnilar e Alnitaka, popularmente conhecidas como as Três Marias, da constelação de Órion. Você tem conhecimento disso?

— Professor, confesso que não.

— Gostaria de saber mais sobre isso. Mas doutora, as estrelas que eu mais gosto de admirar, são as Plêiades. Elas não são muito brilhantes e fazem parte da constelação do Touro. São sete estrelas: Electra, Celaeno, Taygeta, Maia, Merope, Asterope e Alcyone, que também denominam como Dríope. E tem outras duas menos visíveis, que são: Atlas e Pleione. Conta a mitologia grega que as Plêiades eram filhas de Atlas e Pleione. Cansadas que estavam de serem perseguidas pelo caçador Órion, pediram a Zeus que as transformasse em uma constelação.

— Acho que gosto delas, porque elas ficam juntinhas, piscando, piscando, e pode ser uma infantilidade da minha parte, mas eu gosto delas também, pelo que elas representam: são os pais e as sete filhas, todas unidas – a família unida, como narra a mitologia grega.

— Professor, isso tudo foi muito interessante e instrutivo, e me vem à mente que devo repensar sobre esse

assunto — família. Mas agora, vou me recolher, porque estou com sono. Boa noite, mestre.

— Boa noite, doutora!

***“Pode pois admitir-se como regra geral, que todos os que se ligam, numa existência, por empenhos comuns, já viveram juntos, trabalhando para o mesmo fim, e encontrar-se-ão no futuro, até que o tenham alcançado, isto é, expiado o passado ou cumprido a missão que aceitaram” (Obras Póstumas – pag. 165 – Allan Kardec)***

***“204— ... A sucessão das existências corpóreas estabelece entre os Espíritos, liames que remontam às existências anteriores; disso decorrem freqüentemente as causas de simpatia entre vós e alguns Espíritos que vos parecem estranhos” (O Livro dos Espíritos)***

# Capítulo 11

## Lembranças

Bárbara, declarando-se indisposta, não acompanhou o grupo no dia seguinte.

Estava ocultando a verdade que lhe abatia o sentimento. Estava se sentindo muito sozinha; sentia falta de sua mãe, companheira querida, sua professora, orientadora e incentivadora de sua vida, desde os primeiros tempos escolares.

Recostada na cama, sucessivos quadros se formavam em sua mente. Via-se sentada no colo da mãe querida, ouvindo histórias educativas e alusivas à vida. Via-se com ela abraçada, algumas vezes chorando, declarando-se afetivamente carente, reclamando da falta que lhe fazia um pai. Todas as suas amigas tinham pai, só ela não. No dia de festa da comunidade, dia de Ação de Graças, lembrou-se que no culto, na hora do petitório, pedia ao Senhor a presença do seu pai, e que esse nunca aparecia. Sentia uma inveja doentia das suas colegas que tinham os seus pais para abraçar, beijar e brincar.

Via-se, com um enorme vazio na sua vida, muito embora, sua mãe se esforçasse de todas as maneiras para estar sempre presente.

Hoje, analisando a vida de sua mãe, Bárbara percebia que ela deve ter sido uma mulher frágil interiormente, mas que exteriormente representava

bem,era forte, poderosa, decidida, e não media esforços ou sacrifícios para bem educá-la, para que pudesse estar apta a encarar qualquer problema na vida.

Recordou-se também, que no dia da colação de grau, com sua mãe agarrou-a, abraçando-a pelas pernas, levantou-a e disse quase gritando: “Você é uma vencedora minha filha! Seus obstáculos materiais e emocionais foram tantos, mas você derrotou-os. Meus parabéns! E abraçadas ficaram por longo tempo, com grossas lágrimas rolando livremente em seus rostos”.

Lembrou-se também, que naquele instante de euforia, disse à sua mãe: “A senhora, minha mãe, será eternamente credora dos meus mais puros sentimentos; será eternamente meu ícone, a quem devo sempre ter em mente como exemplo de mulher honesta, forte e decidida, minha eterna professora, figura a quem devo cultuar, admirar e amar por toda a minha vida. Peço a Deus, que Ele continue lhe dando uma vida saudável e que eu possa lhe proporcionar muitos, mas muitos momentos felizes”.

Em sua mente, Bárbara via também sua querida mãe chorando muito.

Ocorreu igualmente a sua memória, que sua mãe já havia feito o exame de mamografia e quando indagara-lhe sobre o resultado, ela respondera que “estava tudo normal”. Na animação que invadia todo seu ser, interessado unicamente na colação de grau do dia seguinte, aquela resposta parecera-lhe suficiente. Não tivera a curiosidade



de ler o laudo.

Pensava Bárbara: “Mamãe estava animadíssima com a minha conquista”. Um mês depois, ela a surpreendeu ao dizer que teria que fazer uma operação -mastectomia, dos dois seios.

Aquela notícia deixou Bárbara arrasada. Sua mãe já sabia do mal que trazia no corpo, desde muito antes de sua formatura. Lembrou-se que chorou muito.

Agora, vinha-lhe à lembrança, que havia notado, mas não dissera nada a respeito – que sua mãe estava com a maquiagem muito carregada naquele dia. Compreendeu então, que já era para encobrir sua palidez.

E três meses após operação, Miriam faleceu.

Convocada pela faculdade, Bárbara recebeu a notícia de que fora escolhida pelo departamento de arqueologia, para fazer uma extensão universitária no Museu do Cairo. Recordou ainda, que na rua, na volta para casa, seus sentimentos eram conflitantes. Ria, chorava, gritava, gesticulava. As pessoas olhavam para ela com espanto e certamente pensando – “coitada, deve estar louca!”

Bárbara, debruçada sobre a janela do seu quarto, no hotel, olhando para aquele horizonte de Meggido, recordou-se também de quando sua mãe argumentara: “Vai ser muito bom minha filha, inclusive para mim também, pois vai acrescentar muito ao que já sei sobre História Universal; conhecer de perto aqueles monumentos históricos de uma importância enorme para a humanidade.

— Filha, — continuava ela-, eu tinha na minha turma de faculdade, uma colega de classe: era uma jordaniana, muito bonita, de porte esguio, elegante. Ela não usava aquelas roupas escuras como todas aquelas mulheres árabes costumam usar. Eu sempre a via vestida de branco, com bonitos detalhes em preto, discretos. Dentro da faculdade, ela estava sempre com a cabeça descoberta. O nome dela era bem expressivo, igual ao da... não sei se presidenta ou primeira ministra do Paquistão: Benazyr.

O Egito não fica muito distante da Jordânia; se formos para lá, gostaria de voltar a vê-la.

Nunca tive um relacionamento mais estreito com ela. Você sabe: os judeus e árabes nunca se deram bem.

Hoje, avalio que muito embora eu seja de ascendência judia, sou uma americana e a minha obrigação era de ser mais cordata e hospitaleira com minha colega estrangeira. Eu nunca me esforcei para ser mais calorosa com ela; em desejar ter um relacionamento mais estreito. Acho que ela também, talvez sentisse de alguma forma essa adversidade e, por conseguinte, mantinha-se igualmente afastada.

A vida, minha filha, — Bárbara escutava na acústica de seu cérebro -, nos ensina que devemos ser solidários, valorizarmos os nossos relacionamentos, as amizades, a família — pai, mãe, irmãos, avô, avó, tios, tias e primos.

Como fazemos parte de uma sociedade em que ocorre a dissolução do casamento, devemos considerar e aceitar as pessoas que venham a se juntar àquelas que um dia tiveram algum vínculo conosco.

A família, minha filha, seja ela pequena ou

numerosa, é a célula-mãe de uma sociedade, que deve ser justa, honesta, respeitar e ser respeitada, e que deve lutar, como seu direito, pelo seu melhor conforto.

— Todas as religiões nos ensinam que somos filhos de um mesmo Ser Supremo, que cada religião denomina conforme deseja.”

Miriam, ainda tinha esperanças em sua cura, e que concretizaria aquela sua vontade, de ir a Jordânia.

E as cenas na tela mental de Bárbara, surgiam como se fossem projeções:

Após a cirurgia, Miriam não estava se sentindo bem, tinha dores, às vezes nauseada, não se alimentava. Esse quadro se agravou e novamente ela foi internada. Foi submetida a uma vídeo laparoscopia de todo o abdome e constatou-se que todos os órgãos estavam atacados pelo câncer. Doses fortíssimas de sedativos eram aplicadas.

Bárbara revivia aqueles acontecimentos passados, com o peito oprimido, com grossas lágrimas a rolar por seu belo rosto.

***“A memória é uma espécie de álbum, mais ou menos volumoso, que se folheia, quando se precisa de alguma idéia apagada, da mente, ou de reavivar acontecimentos passados. Este álbum tem sinais gravados nos lugares mais notáveis, e por eles acordam-se imediatamente os fatos que indicam, ao passo que é preciso folheá-lo por muito tempo para recordar outros... Quando o Espírito encarnado se recorda a sua memória apresenta-lhe como a fotografia do fato, cuja lembrança***

***procurou.” (Obras Póstumas— Introdução ao estudo da Fotografia e da Telegrafia do Pensamento – Allan Kardec)***

## Capítulo 12

### O Aniversário

Nessa noite, Bárbara foi ao encontro dos companheiros para o jantar.

Todos ficaram muito felizes ao vê-la, no entanto ninguém perguntou como ela havia passado.

Ela estranhou aquela indiferença, ficou um pouco magoada, mas não falou absolutamente nada.

Durante o jantar, o silêncio foi completo; isso era muito estranho, pois todos eram muito falantes.

De repente, as luzes se apagaram por alguns instantes, mas quando reacenderam, na frente dela estava um bolo e seus amigos cantando: “Parabéns a você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida...”. Ela abriu um belo sorriso e de seus olhos, lágrimas rolaram. Foi abraçada e beijada até pelos funcionários da cozinha do hotel.

Depois que todos se serviram de bolo, Bárbara agradeceu a lembrança e confessou que seus sentimentos naquela hora, eram hesitantes: contente pela lembrança dos amigos, mas triste, porque estava saudosa de sua mãe, de seus conselhos, apoio e principalmente de sua presença e de seu abraço carinhoso.

O professor Husayn, então, tomou a palavra: -Doutora Bárbara, a vida nos ensina que em algumas situações de tristeza, indignação, raiva ou outras que

mexem com os nossos sentimentos e equilíbrio, o melhor para algumas pessoas é desabafar, contar; por para fora aquilo que lhes oprime, choca, entristece e as faz chorar. Portanto, se desejar falar o que retém em seu coração e que a deixa tão aborrecida e triste; acho que falo por todos nessa hora: somos todos ouvidos!

— Vocês prometem que terão paciência?

— Prometemos – responderam todos.

— Pois bem, vou iniciar o meu relato desde a minha infância.

E Bárbara relatou tudo o que lhe veio à lembrança naquele dia, com poucas pausas, mas com muito choro; outras vezes, só lágrimas rolavam e, raramente, um pálido sorriso.

— A mamãe, meu amigos, era uma mulher especial...

— Desculpe-me a intromissão, senhorita, mas sua mãe – Dona Miriam, continua sendo muito especial. Vou lhes dizer algo que não sei se todos concordarão. Acredito que pelo menos um de vocês há de concordar comigo. Tenho certeza! Não é, professor?

— Em sua narrativa, doutora Bárbara— continuou Zahi — sua mãe afirmou que todos nós somos filhos de um Ser Supremo – Deus. Então, somos todos irmãos. Assim, admito que se somos filhos de Deus, e após a nossa morte, continuaremos a ser o que éramos – filhos de Deus! Não sumiremos na areia, como pensam muitos que acreditam que com a morte tudo se acaba. Nós continuaremos a ser, como já disse, o que éramos e com possibilidades de aprimoramento, acredito eu. Então, Dona Mirian, no meu

entendimento, ela continua aquela mulher forte e determinada, amorosa e aconselhadora, e tudo o mais que ela representa para você. Acho que, sem medo de afirmar, ela está aqui conosco neste instante, e estará sempre com você, protegendo-a e auxiliando-a. Ela não desapareceu naquelas cinzas!

— Haveremos de acreditar que todos os seus conhecimentos sobre a vida, o mundo e a história de todos os povos que estudou, foram queimados?

***“...Assim, pois, aqueles que pregam ser na Terra a única morada do homem, e que só nela, e numa só existência lhe é permitido atingir o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam aqueles que o escutam...” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – cap.V)***

— Nisso eu nunca acreditarei. Eu não acredito que Deus, com sua imensa bondade para conosco e o amor que tem por toda a criação, nosso viver, nossa melhor evolução material e moral, possa, com a nossa morte, pulverizar-nos completamente, fazendo desaparecer com nosso corpo, nossa inteligência, nossa moral, nosso caráter, nossos amores e simpatias. Enfim, não acredito que Ele possa desaparecer com tudo que adquirimos de conhecimento e relacionamento numa existência, para sempre!

***“149 – Em que se transforma a alma no instante da morte?”***

***— Volta a ser Espírito, ou seja, retorna ao mundo***

***dos Espíritos, que ela havia deixado temporariamente.***

***“150 – A alma conserva a sua individualidade após a morte?***

***— Sim, não a perde jamais. O que seria ela se não a conservasse?***

***(O Livro dos Espíritos)***

— Portanto, no meu diminuto entendimento, sua mãe está viva e a sua alma linda, maravilhosa, lépida e saudável, auxiliando-a, Bárbara, em todos os seus propósitos. Acho até, senhorita, que é de seu conhecimento por seus estudos arqueológicos, que os antigos habitantes do Egito, os faraós principalmente, pelos escritos deixados, demonstravam acreditar que o seu “eu”, não se extinguia, mas sim, teria outras vidas.

Todos se admiraram com Zahi, aquele auxiliar que fazia os trabalhos pesados do grupo, nas escavações. A exceção coube a Husayn, que conhecia já de há algum tempo os dotes culturais e religiosos do seu amigo, que possuía uma ampla e diversificada biblioteca, inclusive sobre religiões, as mais diversas, como: islamismo, budismo, sufismo, xintoísmo, bramanismo, espiritismo, e outras.

— Obrigada Zahi, acho que você tem razão. Minha mãe era...não, ela não era! Ela é e continuará sendo a pessoa que sempre foi – uma mulher muito especial, maravilhosa, de coração pujante, fraterno, amigo e tão livre de preconceitos de raça, característica esta, que tanto nos atrapalha para um melhor relacionamento. Sobre isto há um fato curioso. Mamãe, após sua cirurgia, disse que viria comigo para o Egito e demonstrou também, o desejo de ir



até a Jordânia, tentar um encontro com uma colega de turma, jordaniana, de nome Benazyr.

— Zahi e professor Husayn, esse nome Benazyr, é comum lá na Jordânia?

— Não, não é — respondeu o professor — é um nome de origem paquistanense.

— Ah ...Obrigada, professor.

— Continuando: hoje eu compreendo que ela me deixou um legado virtuoso e para o qual eu não havia atinado. Eu estava centrada somente no mundo da matéria, do “olho por olho e dente por dente”.

— “O Armagedon”, meus amigos, está aí fora, mas também esteve aqui no meu peito, nos meus pensamentos, atrapalhando meu desejo de ser feliz, incentivando o meu ódio, meu rancor e minha tristeza. Eu ergui o Monte Megiddo no meu coração por todos esses anos da minha vida, aquartelando-me a mim mesma. Mas agora, tudo acabou!

— Se me permitirem, tenho mais um capítulo que desejo lhes contar.

E Bárbara descreveu minuciosamente, o encontro que teve em Aqaba, há alguns anos, com um jovem engenheiro de prospecção da Jordânia, chamado Zawalli.

Ela narrou com detalhes até o encontro final, quando tomavam o café da manhã, momento em que o rapaz se identificou como Zawalli Munir Markinsong, revelando, logo em seguida, o nome do pai – Joseph Markinsong.

— Zawalli Munir Markinsong, então, passou-me às mãos para que eu os lesse, alguns papéis que haviam sido

escritos por sua mãe, pois seu pai havia morrido antes de redigi-los pessoalmente. Eu, raivosa ,joguei-os de volta, e acusei o pai dele, que também descobri ser o meu pai, de crápula e assassino da minha mãe. Disse mais, que se eu um dia estivesse em frente ao túmulo do “seu pai”, iria escarrar em cima.

— Até hoje, eu tenho em cima da minha mesa de trabalho, em casa, um envelope que Zawalli me enviou. Acredito que devem ser aqueles mesmos papéis que eu me recusei a ler. Está lá, fechado.

— Esse, meus amigos, é o meu “Armagedon”. E hoje, nesse instante, é de todo meu desejo, cremá-lo na minha mente e dessas cinzas fazer todo empenho para ressurgir uma Bárbara completamente nova. Quero ser outra mulher, quero voar como a Fênix a procura do meu irmão, meu único familiar, que demonstrou ser um homem tão bom, probo e que culpa alguma teve sobre os acontecimentos pretéritos.

— Acho que na verdade, não poderemos afirmar se alguém teve culpa, pois, agora considero que se eu fui concebida, foi por um ato de amor; só não sei se esse amor brotou mutuamente no coração de ambos e,se não se concretizou para a formação de um lar ou de uma família, somente eles teriam condições de responder o que a ninguém foi revelado. Acho que eu tinha que passar por isso.

***“...Por que para uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir?***

***...Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma***

***causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa. Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do Espiritismo, isto é, pela palavra dos Espíritos.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – cap.V – item 3)***

— Portanto, meus amigos e bons ouvintes, esse foi o meu Armagedon; arrasei o meu Monte Megiddo. Depois que concluirmos o nosso trabalho, rumarei para a Jordânia. Quero encontrar o meu irmão. Para isso, amigos, professor Husayn e Zahi, necessito de um grande favor: localizem o engenheiro de prospecção – Zawalli Munir Markinsong.

— Esteja certa, doutora, que hoje mesmo começarei a providenciar o que deseja — disse Husayn.

— Bem, meus caros, vou me recolher, pois estou um pouco cansada. Muito obrigada pela comemoração que me proporcionaram e por terem me ouvido. – Boa noite!

Todos se recolheram, a exceção de Husayn que foi na direção da administração do hotel e emprestou uma tesoura, escondendo-a de Zawalli.

Sentados, cada um em sua cama, o professor e seu “auxiliar” conversavam a respeito dos sentimentos e da vontade de Bárbara em encontrar o seu irmão.

— Meu caro “auxiliar”, é chegada a hora de você se revelar e isso tem que ser logo no período da manhã, na hora do café.

— Mas, meu professor, não seja tão precipitado.

Primeiramente, eu tenho que raspar essa barba horrível, cortar esse cabelo medonho e isso eu só poderei fazer amanhã cedo. Tenho que me apresentar a minha irmã, como ela me viu lá em Aqaba. Preciso encontrar um barbeiro!

— Sabe, meu amigo, quando meus filhos eram menores, quem cortava o cabelo deles, era eu.

— Professor Husayn, o que é que eu tenho com esse assunto?

O professor virou-se, fez aqueles movimentos com as mãos que todo mágico faz e, sorrindo, apresentou uma tesoura, um pente e um aparelho de barbear.

Zawalli gargalhou e completou, aceitando o professor-barbeiro. Mas alertou-o, mostrando sua carteira de identidade: Olhe aqui, professor! Esse aqui sou eu; olhe bem o meu corte de cabelo. Não vai me deixar careca.

Zawalli, com o cabelo cortado e a barba raspada, olhou-se no espelho e disse em tom de pilheria: Depois desse sacrifício a que me submeti, eu só espero, amanhã, um encontro de concórdia e de reconciliação.

— Você está ótimo, meu rapaz! Pelo menos está com cara de gente.

Muito cedo, os dois – professor e “auxiliar”, vão para o refeitório e ficam aguardando os arqueólogos. Zawalli sentou-se numa mureta, lá fora.

Após algum tempo, já com o sol mostrando-se no horizonte, o professor Husayn recebeu os arqueólogos.

— Dormiu bem, senhorita Bárbara?

— Dormi como nunca. Tive sonhos encantadores, com pessoas muito bem vestidas, bonitas, recintos aconchegantes. Tudo muito lindo e harmonioso. Mas o senhor, hoje está só?

— Não doutora, Zahi está lá fora, sentado naquela mureta.

— Mas onde está aquela vasta cabeleira?

— Ontem à noite, por motivo de urgência, eu mesmo fiz o papel de barbeiro.

— Fez a barba também?

— Não, a barba ele mesmo a fez.

— Mas professor, perguntou Nasin: O senhor pode dizer o porquê da urgência?

— Posso e é com muito prazer que assim o faço.

E gritou: — Zahi, vamos tomar café!

Ele pulou da mureta, deu a volta por trás do restaurante, surgiu na porta do refeitório e parou.

Bárbara fitou Zahi e fez menção de ir ao seu encontro, mas antes, olhou fixamente para o professor e, ao seu gesto afirmativo, perguntou: — É ele?

— É, minha querida. Ele é o seu irmão!

Ela correu ao encontro dele, e que ele, também correu para abraçá-la. Ficaram assim por um longo tempo, sob os olhares dos amigos.

— Zawalli Munir Markinsong, meu irmão. Antes de mais nada, quero me penitenciar e pedir mil desculpas, por todas as minhas atitudes mal educadas e ofensivas a Joseph Markirsong, nosso pai. Quero apagar da minha mente os momentos de ira que me acometeram e nublaram minha

visão. Hoje, lá nos Estados Unidos, é dia de Ação de Graças, assim, quero aproveitar e pedir a Deus que me dê a possibilidade de renascer, ter uma nova vida, livre de todo ódio e rancor. Eu quero ser feliz. Confesso que perdi muito tempo me esquivando da sua companhia e de sua mãe. A partir de hoje, tenho perfeita consciência de que nunca mais estarei só nessa vida. Eu destruí o meu “Armagedon” e demoli, arrasei minhas fortalezas sentimentais rancorosas, que ergui como muralha no meu “Monte Megiddo”.

Abraçou mais uma vez o seu irmão e beijou-lhe o rosto.

— Mas, professor e Zawalli, agora eu quero um esclarecimento: quais as razões que os trouxeram a esse lugar? Zawalli, você sabia que eu estaria aqui? Por essa razão é que você se escondeu atrás daquela cabeleira e daquela barba horrorosa?

— Professor, agora deixe comigo que eu respondo, pois desde que aqui chegamos, falei muito pouco. Agora é a minha vez e o farei com muita alegria.

E assim, Zawalli descreveu com minúcias toda sua trajetória, desde o restaurante em Haifa.

## Capítulo 13

### De volta à Jordânia

A equipe de arqueólogos do Museu do Cairo, ainda iria permanecer no local por algum tempo, desde que a situação do país assim o permitisse.

No entanto, Husayn e Zawalli deveriam voltar, pois o período das férias estava terminando e eles teriam que retomar as suas atividades profissionais.

No dia anterior à partida, Zawalli dirigiu-se ao líder do grupo.

— Sr.Nasin, tive muito prazer em conhecê-lo e agradeço a oportunidade e a sua aquiescência em permitir-nos que somássemos aos seus trabalhos. Foi muito bom, pois, em virtude disso, resultou um grande momento de felicidade, pois agora, realmente, eu tenho uma irmã.

Agradeceu também a arqueóloga Farah, pelo ensejo do convívio no trabalho sob o sol inclemente, mas amenizado por sua beleza, gentileza e fino trato.

Quanto a Bárbara, ele disse: — Minha irmã, mais uma vez eu lhe digo: desde o momento em que descobrimos a carta redigida por sua mãe, escondida na mala do nosso avô David, nós: papai, mamãe e eu, nunca perdemos a esperança de que um dia, iríamos encontrá-la. E por razões que só o “destino” poderá nos esclarecer, nós nos encontramos aqui em Megiddo, no Vale de Josafá, não para uma defrontação, mas para uma definitiva conciliação,

que creio eu, com as bênçãos de Deus.

— Confesso então, que a minha vontade é pegá-la em meus braços e levá-la para o colo de minha mãe. Bárbara, esteja certa de que você vai ser a filha que ela sempre desejou ter.

— Zawalli, eu não tenho mais aquele sentimento interior de solidão, de ira e de recusa. Agora, vocês já estão fazendo parte da minha vida. Diga, por favor, a dona Benazyr, que eu já estou gostando muito dela, imaginando-a como uma mulher de fibra, forte, determinada e bondosa, que soube educar o seu filho com as mesmas virtudes. Há outro fato que me vem à memória, como uma lembrança forte e nítida. Ocorreu no dia de minha formatura.

— Ao lado da minha mãe, estava um senhor muito simpático que me cumprimentou, dizendo: — Bárbara, que tudo corra bem para você. Hoje, você está colhendo uma excelente conquista, mas você já compreende que na vida temos vitórias e derrotas. Hoje, você está experimentando uma grande vitória, está feliz e deixando-nos felizes. Mas é das derrotas, que inapelavelmente deveremos ter algumas, sejam elas materiais ou morais e, do meio delas, deveremos ressurgir, arregimentando forças a fim de conseguirmos êxito para o nosso próprio bem estar e felicidade. Não aceite, querida jovem, que o orgulho e o egoísmo destruam seus sentimentos mais puros, porque estes, são as chagas mais perversas que podem nos vergar e até nos destruir.

— Mamãe apresentou-o, como sendo o Sr. David. Seria ele o meu avô, que sabendo tudo sobre mim e minha mãe, veio participar de minha formatura e que não pude,



naquele momento de euforia, atinar para a importância?

***“O orgulho, eis a fonte de todos os vossos males. Aplicai-vos, portanto, em destruí-lo, se não lhe quiserdes perpetuar as funestas conseqüências.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – cap.VII – item 12)***

***“ O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se, do que para vencer os outros” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – cap. XII – item 11)***

Zawalli se aproximou da irmã, afagou-lhe os cabelos e beijou-a na face, dizendo: — Sem dúvida nenhuma, minha querida irmã! O nosso avô esteve com você. E agora, nós temos você e você a nós! Nunca mais iremos nos perder!

— Mas, meus amigos, farei um pedido pelo qual não aceitarei nenhuma recusa. Faço questão absoluta, que vocês três, vão à Jordânia conhecer o meu país, que também é rico em sítios arqueológicos; acho que há muito para descobrir nesse sentido. As narrativas bíblicas fazem inúmeras referências, da idade do bronze aos três reinos: de Gilead, ao norte; de Moab, no centro e de Edon, ao sul. Estiveram ocupando aquela região, os israelitas, amonitas, moabitas, idenitas, assírios, nabateus, neobabilônios, persas e os gregos, com Alexandre Magno. Há ainda, o Museu Arqueológico de Amman, muito interessante.

— Quero frisar bem, — continuou Zawalli — desejo a presença de todos vocês lá na minha terra; todos, sem

qualquer exceção. Doutora Farah, por favor, gostaria muito que conhecesse a minha mãe. Ela ficará feliz com a minha escolha.

Todos, num só momento, olharam para Farah, a linda jovem egípcia, que nesse momento ruborizou, mas, sem titubear aceitou o convite e acrescentou: — Meu caro Zahi -foi com esse nome que eu o conheci — ainda vou me acostumar com Zawalli— , a recíproca é verdadeira. Eu também quero que você vá ao Cairo conhecer-nos de perto.

— Eu irei, e vou acompanhado de minha mãe!

— Mas, digam-me uma coisa, meu irmão e minha cara amiga, desde quando esse romance começou?

— Bárbara querida amiga, acho que Zahi me conquistou desde o dia em que ele me confiou um segredo, do qual você era uma das principais integrantes. Conheci o seu caráter de homem honesto, bom, íntegro e sua grande virtude, centrada na união da família. Isso tudo foi o que me levou a ser conquistada, além de ele ser educado, gentil e muito bonito na fotografia, o que agora se comprova – disse gracejando.

— Farah, então você sabia?

— Ele me pediu segredo, como se fosse o grande segredo da esfinge e eu obedeci. Se fosse algo que lhe fizesse algum mal, eu me recusaria, mas como considerei o desejo de sua mãe e o dele, eu me reservei.

— Bárbara, minha amiga, tenho conhecimento dos propósitos de Zahi voltados a você, desde alguns dias após eles se juntaram a nós.

— Vou lhe contar: eu estava trabalhando a procura de vestígios, que indicassem se os povos que aqui se

instalaram tinham usado outros artefatos bélicos, que não, flechas e lanças. Estávamos ao norte do Monte Meggido. Ele estava comigo, me auxiliando na remoção dos materiais; até conseguimos alguns resultados, mas não no sentido que nos propusemos.

No fim da tarde, estávamos exaustos. Resolvi fazer algumas anotações, enquanto ele disse que iria escalar o monte para ver o pôr do sol. De onde eu me encontrava, percebi que Zahi não foi até o local mais alto. Quando terminei as minhas anotações, resolvi juntar-me a ele para contemplar o grande Vale de Josafá e o ocaso. Sentei-me ao seu lado, ele virou-se para mim e então eu vi que de seus olhos brotavam lágrimas. Surpresa, perguntei: Zahi, você quer conversar?

— Com a voz um pouco embargada, respondeu: “O que, por exemplo, senhorita?”.

— E eu lhe disse: Por exemplo... sobre essas lágrimas!

Para tentar desanuviar um pouco aquele clima, acrescentei: — Meu caro colaborador, aqui estamos todos, a procura de desvendar os segredos das civilizações que se instalaram neste local e, com isso, estabelecermos uma crítica, a mais próxima da realidade, para aqueles povos. Essa é uma habilidade que adquirimos com a profissão de arqueólogo, estudando as coisas inertes do passado. Nesse momento, meu amigo, o segredo não está inerte, está vivo, atuante em seu pensamento e com certeza, com reflexos fortes no seu coração. Você quer repartir comigo esse segredo?

Olhando fixamente para mim, deixando uma lágrima

rolar, disse: “Senhorita Farah, percebo em seu lindo rosto e na entonação da sua voz, que quer me ajudar.”

Em seguida, minha amiga, ele tirou do bolso de sua jaqueta, uma carteira, e de lá retirou uma foto que me entregou, dizendo: Olhe bem!

Peguei aquela fotografia, examinei atentamente, era de um homem com seus trinta anos, bonito. Meu pensamento voou...Logo após, ele acrescentou: “Esse aí sou eu!”

— Bárbara, fiquei espantada ao comparar o homem que estava ao meu lado com aquela foto. Uma dúvida pairou. Mas, examinando melhor, tive a certeza de que era a mesma pessoa, pelo talhe do nariz e pela expressão do olhar.

Eu perguntei: -Porque você se esconde atrás dessa cabeleira e dessa barba? Há algo comprometedor, que faz com que você mantenha esse disfarce?

Ele redarguiu: — Senhorita Farah, uma vez mais eu lhe digo, e digo isso com um sentimento puro e verdadeiro: você é uma mulher muito bonita. Mas sobre este assunto e mais outros que estão em meu coração, falo-lhe em outra oportunidade. Agora, vou lhe falar sobre o meu segredo, que lhe confio na certeza de que o guardará com absoluto sigilo.

— Então, Bárbara, minha querida amiga, ele me contou tudo, desde a surpresa que ele, o pai e a mãe tiveram, quando encontraram a carta de sua mãe, dona Miriam, dentro da mala de seu avô, até o encontro de vocês, em Aqaba. Falou-me das providências que ele e sua mãe, dona Benazyr, tomaram depois de sua recusa em

aceitá-los, enviando-lhe pelo correio, as fotos e outros papéis que revelavam o desejo de uma aproximação da parte deles para formarem uma família.

Desta maneira, então, foi que eu pude avaliar o que Zahi sentia quando você se aproximava; represando no peito a vontade de abraçá-la como a uma irmã muito querida. E assim ele me conquistou, por seus puros sentimentos de família e também por sua cordialidade, respeito e confiança para comigo, além de ser muito bonito – e acrescentou com chiste: na foto.

Assim, minha amiga, eu sabia de tudo, só não sabia em que momento ele iria se revelar mais uma vez a você.

***“...O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê como irmãos seus.***

***Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é pensar nos outros, antes de pensar em si, é pára cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse.” (O Evangelho Segundo o Espiritismo— cap.XVII – item 3)***

— Vocês me surpreenderam. Mas, minha “cunhadinha”, eu gosto muito de você e acho que o meu irmão escolheu muito bem, porque você é uma mulher de muitas virtudes, valorosa e como ele disse muito bonita.

— Obrigada, amiga!

— Professor Husayn, o senhor pode acrescentar algo

mais a essa “epopéia”? – disse Nasin.

— Acho que o senhor acertou. Realmente estamos vivendo uma epopéia, que no meu modo de entender, traduz-se como um longo poema, que traz em seu bojo um tema histórico ou um expressivo tema de amor. E entre nós, outra coisa não surgiu senão declarações de amor; amor fraterno entre irmãos e amor entre duas criaturas, que objetivam formar a primeira célula de uma sociedade – a família. De um lado, o Monte Megiddo foi destruído, abrindo uma longa planície a proporcionar o encontro de pessoas. De outro lado, um outro monte está sendo erguido com a vontade da compreensão, da concórdia, da esperança e do amor. É isso mesmo, Zawalli e doutora Farah?

— É isso mesmo, professor! – responderam.

***“No espaço os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros” (O Evangelho Segundo o Espiritismo – cap. IV – item 18)***

***“Pela postura média das pessoas, percebe-se com clareza que elas consideram as relações familiares derivadas da “obra do acaso”...na criação não há nem pode haver acaso. A reencarnação é a chave da questão: as uniões familiares são deliberações e compromissos tomados na vida espiritual, com a finalidade de ser desenvolvida na Terra uma tarefa construtiva de fraternidade e evolução, seja fruto de expiação ou de prova livremente assumidas.” (Revista Internacional do Espiritismo— Família— pag.482/483)***

Continuou o professor: — Confesso a vocês que estou imensamente feliz, satisfeito e profundamente prazeroso por tê-los conhecido e também, muito grato por terem nos aceitado em suas companhias.

— Igualmente, eu os aguardo em Amman de braços abertos, na companhia da minha família.

— Meus amigos e minhas amigas, se o clima que está reinando aqui entre nós se expandir por toda Terra, esse tal Armagedon Bíblico nunca acontecerá! — afirmou Nasin.

Todos de uma só vez disseram: — Estamos de pleno acordo!

## Capítulo 14

### Visita a Amman

Semanalmente, Bárbara e seu irmão comunicavam-se via internet.

Seis meses transcorreram, até que um dia, ele recebeu um e-mail noticiando que sua irmã viria visitá-los.

A senhora Benazyr e seu filho se esmeraram ao máximo, deixando a ampla residência mais bonita, aconchegante e florida.

No dia aprazado para a chegada daquela a quem eles já tanto gostavam, estavam também, no saguão do aeroporto, Husayn e todos os seus familiares.

Eufóricos, receberam pelo sistema de comunicação, o informe de que o avião procedente do Cairo acabava de aterrissar.

Após alguns instantes, com alguma demora para o desembarque das bagagens, lá vem Bárbara, com largo sorriso, vestida com um conjunto todo branco, cabelos soltos, a passos firmes e largos, tendo ao seu lado, Nasin.

— Vamos, meu filho! Vamos, que esse saguão é muito longo; não quero esperar; vamos ao encontro da nossa querida.

E esse encontro com Bárbara foi contagiante e de uma alegria imensa. Benazyr tocava o rosto da sua “filha” com as duas mãos, carinhosa e cuidadosamente, como se estivesse tocando uma finíssima porcelana chinesa.



— Como você é linda minha “filha”!

***“A perfeição da forma é, a consequência da perfeição do Espírito; podendo-se concluir que o ideal da forma deve ser a que reveste o Espírito no estado de pureza – a que imaginam os poetas e os verdadeiros artistas, porque penetram pelo pensamento nos mundos superiores” (Obras Póstumas – pag. 128 – Allan Kardec)***

Bárbara tinha o semblante muito parecido com o do pai; principalmente os olhos, muito azuis.

***“207 — Os pais transmitem aos filhos, quase sempre, semelhanças físicas. Transmitem também semelhanças morais?”***

***— Não, porque se trata de almas ou Espíritos diferentes. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças nada mais existe do que consangüinidade” (O Livro dos Espíritos – Livro II – cap.IV – item VIII)***

— Bárbara, minha “filha”, – oh! Desculpe querida, posso lhe chamar de “minha filha”?

— Eu aceito esse chamamento com um prazer imenso, pois sinto fluir muito amor em suas palavras a meu favor. Agora sinto-me na vontade de perguntar: Posso chamá-la de “mãe”?

— Minha querida, minha querida, tenha absoluta certeza de que essa palavra vinda de seu coração e a mim

dirigida com tanto amor, é o meu grande presente e em pensamento transfiro-a para Joseph, que desde o momento em que soube da sua existência, estava ávido para conhecê-la, abraçá-la e ampará-la.

— Sabe, minha filha, Joseph planejava ampliar a nossa casa. Após o seu falecimento, eu encontrei nos seus guardados particulares, uma planta da nossa casa onde estava escrito – “quarto de nossa filha Bárbara”. Ele não teve tempo de fazer isso, mas eu irei concluir o seu desejo, que também é nosso – meu e de Zawalli.

E elas ficaram num longo e apertado abraço.

— Barbara, minha filha, vou lhe revelar os meus mais secretos sentimentos, que me ocorreram quando soube que você viria nos visitar.

— Você ainda não teve a experiência que é estar grávida, pronta para dar à luz. É um estado de incerteza e de apreensão, muito embora lhe digam que tudo está correndo muito bem. A sensação que acometeu todo meu ser, ao vê-la entrar pelo saguão do aeroporto, foi a mesma que tive antes de dar à luz — guardadas as comparações: o medo, apreensão e a incerteza invadindo todo o meu íntimo, sem ter idéia de como seria nosso primeiro encontro. Então, minha filha, agora estou completamente aliviada e muito feliz com a sua chegada. Quando a vi surgindo, lá no começo desse saguão, risonha, alegre, cheia de vida, linda, maravilhosa, eu não via a hora de poder tocá-la, abraçá-la e beijá-la; Bárbara, estou imensamente feliz!

— “Mamãe”, a felicidade também preenche o meu coração com muito júbilo. Igualmente, quero lhe confessar,

que a idêntica sensação de incerteza e apreensão que a senhora sentiu, eu também estava sentindo, até dar o primeiro passo no início desse saguão. A senhora é uma mulher maravilhosa e eu a admiro, assim como também é, o meu irmão.

Husayn se aproximou, abraçou sua amiga arqueóloga, apresentou-a aos seus familiares, dando-lhe boas vindas e ofereceu-lhe um lindo buquê de rosas brancas e vermelhas.

A certo momento, Bárbara chama a atenção de todos.

— “Mamãe” e meu irmão. Nesse momento, desejo lhes dar um presente que anda, fala, chora e ri. Vocês estão vendo aquela “boneca” que lá está sentada?

Todos olharam, mas ficaram com suas interrogações. Onde estava a boneca?

Zawalli olhou algumas vezes para sua irmã, com ar interrogativo, encolheu os ombros e perguntou: — Qual é este presente que não conseguimos identificar?

Bárbara sorriu, deu-lhe um beijinho na face e chamou – Farah!

Imediatamente ele deu um beijo no rosto da sua irmã e correu ao encontro de sua namorada, envolvendo-a num longo abraço.

— Que ótimo que você também veio, meu amor! Eu já estava ficando apreensivo sem ter notícias sua. Até perguntei a Bárbara, sobre você. Interessante...Agora me vem à lembrança que ela não me disse nada a seu respeito. Você já tinha intenção de vir com ela?

— Já sim, Zahi. Olha, é assim que eu vou chamá-lo

sempre – Zahi. Foi com esse nome que você se identificou inicialmente, e com ele, eu identifiquei, pela primeira vez, o homem que desejava para a minha vida.

— Meu amor...meu amor!

E mais um abraço prolongado aconteceu.

— Agora venha, que eu quero apresentá-la para minha mãe.

— Mamãe, aqui está Farah, aquela de quem lhe falei, que inundou o meu coração e que representa para mim, a semente da minha tâmara. Afirmo isso por uma simples razão: sendo ela a semente, no seu âmago, ela traz todo o vigor, toda beleza e toda pureza de uma tamareira, que no futuro dará frutos deliciosos para nossa felicidade.

— Meu filho, sei que você não necessita da minha aprovação para os seus objetivos junto a Farah, mas desejo lhes dizer que o meu coração vibra de contentamento por vocês. E digo mais a você, Farah: Você é uma mulher linda!

— Senhora Benazyr – acho que esse nome tem uma força fantástica, por tudo que o meu Zahi – não estranhe, dona Benazyr, é assim que vou chamá-lo sempre, – por tudo que ele me contou sobre a senhora, sobre o seu desejo de buscar a fraternidade e uma aproximação conciliadora, a fim de se unirem como uma família junto a minha amiga, eu já comecei a admirá-la. No meu íntimo, eu a adotei como minha estrela guia. Deixe eu lhe dar um forte abraço!

Na ampla residência da senhora Benazyr, o contentamento era muito grande, até que a certo momento, Zawalli chama a atenção de todos.

— Mamãe, por favor, sente-se aqui e acomode-se

bem.

Bárbara só observava, quando de repente, estava suspensa nos braços do irmão, que lhe fala: — Lembra-se quando disse, que desejava colocá-la no colo de minha mãe?

— Venha, minha filha, que é isso mesmo que eu desejo.

E mais um longo abraço e beijos aconteceram, com todos rindo da situação insólita.

## Capítulo 15

### Fim das férias

Quinze dias se passaram e estava chegando o fim das férias.

Bárbara, Farah e Nasin teriam que retomar os trabalhos no Museu do Cairo.

Os três aproveitaram ao máximo. Conheceram toda cidade, seus monumentos, as arquiteturas dos povos antigos, o Museu Arqueológico, as imponentes ruínas do teatro romano – Jorash, a cidade de Pedra e os castelos dos Cruzados. Na Cisjordânia, visitaram a Gruta de Macpela, em Hebrom, onde se acredita que estão sepultados os três patriarcas: Abraão, Isaque, Jacob e suas esposas, Sara, Rebeca e Leia. Em Belém, foram à Igreja da Natividade, que segundo a tradição, é o local onde Jesus nasceu; em Jericó, foram ao Monte da Tentação, identificado como o local onde o “demônio” teria tentado seduzir Jesus; em Jerusalém, visitaram a famosa mesquita de Hamesh-Sharif, cuja construção foi iniciada por Salomão.

— Filha, a minha vontade é que você ficasse conosco e aqui desenvolvesse o seu trabalho, na sua especialidade. Farah querida, desse mesmo modo dirijo-me a você. Mas, a vida tem muitos caminhos e cada um escolhe o melhor para cumprir os seus objetivos. Para as atividades profissionais que vocês exercem, a Jordânia é rica em sítios

arqueológicos, no entanto, o Egito é riquíssimo, sem sombra de dúvida, pois é o berço da humanidade.

— Minhas queridas, sempre que a saúde me proporcionar o ânimo de viajar, lá no Cairo estarei. Desejo uma promessa de vocês: sempre que possível, venham, que aqui estarei com muito amor para recebê-las.

— Mamãe, nosso vínculo de amizade e de amor está agora concretizado por nossa vontade, mas possivelmente, nossos atos nesse sentido, tenham sido guiados por nossos entes queridos que conosco não mais habitam. Tenha certeza, minha mãe, que nunca mais nos perderemos. As consequências desse nosso encontro serão para sempre, para a eternidade.

***“Das qualidades particulares de cada fluido resulta, entre eles, uma espécie de harmonia ou de desacordo, uma tendência a unirem-se ou a evitarem-se, uma tração ou repulsão, em uma palavra, as simpatias ou antipatias, que se sentem, sem causas conhecidas”***

***(Obras Póstumas – Introdução ao estudo da fotografia e da Telegrafia do Pensamento –pag.82 – Allan Kardec.)***

Desviando o seu olhar na direção de Zawalli, ela disse: — Venha aqui, meu irmão, pois quero abraçá-lo e fazer um pedido. Gostaria que você me levasse a uma floricultura. Desejo amanhã, voltar a visitar o túmulo de papai. Quero mais uma vez pedir-lhe desculpas e me despedir. A senhora vai comigo, mamãe?

— Vou sim, minha filha!

Bárbara abraçou a “sua mãe”, por um longo momento.

— Senhora Benazyr, a senhora nos disse que cada um tem o seu caminho para melhor cumprir seus objetivos. No entanto, poderemos fazer uma nova avaliação desses objetivos. Eu, particularmente, desejo tomar um outro caminho e no meu horizonte, visualizo-me ao lado de Zahi. Os nossos anseios de construir uma família são bem claros, só nos resta num futuro próximo a ida dele e da senhora para o Cairo, à minha casa, e depois resolveremos. Então, senhora Benazyr, acredito que nossos caminhos não se cruzaram apenas, mas se encontraram, originando outro com um único fim, que é sorvermos da água do mesmo oásis.

E mais um longo abraço, só que agora, a três.

— Eh! Meninas! O que está acontecendo – perguntou Zawalli.

— Zahi, meu querido, venha aqui. Vamos nos abraçar como num quadrilátero para erigirmos em nossas mentes e nossos corações, uma pirâmide indestrutível, de família e de amor recíproco.– aduziu Farah.

E ficaram num apertado abraço, deixando fluir de seus olhos grossas lágrimas de muita felicidade.

***“921 – Concebe-se que o homem seja feliz na Terra quando a Humanidade estiver transformada, mas enquanto isso não se verifica pode cada um gozar de uma felicidade relativa?”***

***— O Homem, é na maioria das vezes, o artífice da sua própria felicidade. Praticando a lei de Deus ele pode***



***poupar-se a muitos males e gozar de uma felicidade tão grande quanto comporta a sua existência num plano grosseiro” (O Livro dos Espíritos)-***

A um instante, Bárbara toma a palavra:

— Certo dia, no meu ambiente de trabalho, todos da minha sala já tinham ido embora para as suas casas. A noite já havia chegado, trazendo também, uma tristeza que tomou conta de mim. Comecei a chorar. Meus pensamentos se fixaram no passado, em minha mãe, que se não tivesse morrido, estaria ali no Cairo comigo. Achava-me só, desolada, arrasada, sem ninguém no mundo para encontrar quando dali saísse; chegaria em casa e não encontraria minha mãe. Quando alguém tocou no meu ombro. Era Hatshep, a secretária do departamento, que a mim, assim se dirigiu: -Doutora, já são quase vinte horas, a senhora ainda vai precisar do meu trabalho?

Eu me recompus, agradei a atenção e fui embora. E mais uma vez chamou-me a atenção, o grande envelope amarelo, fechado, em cima da minha escrivaninha.

No dia seguinte, logo pela manhã, à entrada do museu, encontrei-me com Hatshep, que logo me perguntou: — Passou bem a noite, doutora?

Respondi que não havia dormido bem. Em seguida, ela me fez um convite para que eu fosse a sua casa, a qual não era muito distante da minha, para uma comemoração natalícia. Eu fui. Lá, a certo momento, ela me disse:

“— Doutora, desejo apresentá-la a minha sogra, pela seguinte razão: eu já a surpreendi chorando várias vezes. Tenho vontade de auxiliá-la, mas não sei como fazer isso. No

entanto, eu acho que minha sogra poderá ajudá-la. A senhora concorda em falar com ela?— Eu lhe respondi que, sim.”

Bárbara fez uma pausa, conteve algumas lágrimas que estavam prestes a rolar e prosseguiu seu relato.

— Hatshep continuou, dizendo que eu não me assustasse, pois sua sogra iria falar algumas coisas que eu não iria entender e faria alguns movimentos com as mãos sobre a minha cabeça.

E aquela senhora dirigiu-se a mim, chamando-me a atenção para a vida. Disse-me muitas coisas, que foram e continuam sendo úteis. Dentre tudo o que ela me disse, eu guardei esta: “Desanuvie sua mente, direcionando o seu pensamento para as coisas boas da vida; ninguém foi culpado pela morte da sua mãe.”

A partir desse momento, a nuvem negra em que eu me encontrava se dissipou, e eu aqui estou, com a senhora e com Zawalli, desfrutando de suas companhias, as quais elegi para os meus momentos futuros, pois representam o que mais me importa, que é a nossa união.

A sogra de Hatshep ainda me disse: “— Quando você encontrar a felicidade, venha tomar um chá comigo, que eu ainda tenho algo a lhe dizer”.

— Então, quando vocês forem ao Cairo, desejo que me acompanhem para irmos ao encontro da sogra de Hatshep – Dona Noha. Ela disse que tem muito para me contar. Gostaria de ter vocês junto a mim nesse momento, pois vocês representam a “Felicidade”, que a duras penas, por culpa própria, conquistei, com auxílio de vocês que me apoiaram.



## Capítulo 16

### A Revelação

O regresso ao Cairo foi para eles, um simples “até breve”.

Mas transcorreu um período de seis meses até que Benazyr e Zawalli, assim como o professor Husayn, pudessem se organizar para irem ao Cairo e ficarem alguns dias.

Com a data marcada e as providências concluídas, por parte de todos, mais um encontro aconteceu.

Benazyr e Zawalli acomodaram-se no apartamento de Bárbara, e Husayn ficou hospedado na casa de Nasin.

Dois dias depois, todos foram convidados para ir à casa de Farah. A recepção foi calorosa. Foi uma festa.

Farah, felicíssima, apresentou o seu pretendente a todos os parentes.

— Zahi, como você deve ter notado, eu não apresentei o meu pai. Infelizmente, ele faleceu num acidente automobilístico, há cinco anos.

— Sinto muito, querida. Eu faço idéia de como você deve estar se sentindo. A falta que faz um pai é muito expressiva; nada ou ninguém pode supri-la.

— Mas, meu amor, você então, tem que me orientar sobre seus costumes nesse sentido. Eu peço você em casamento para a sua mãe, para o seu irmão mais velho ou para ambos?

Ela tomou Zahi pelas mãos e disse: — Meu querido, se estivéssemos a sós neste momento, eu lhe daria um beijo, mas... Agora, quanto ao seu pedido, acho melhor você oficializá-lo amanhã, pois estaremos só nós, sem os demais parentes.

— Como você desejar!

E assim aconteceu.

Zawalli pediu consentimento para casar com Farah, o que foi aceito com algumas reservas, visto que o pretendente era para eles um desconhecido; assim iriam averiguar antes, as informações fornecidas pelo noivo.

— Zahi, querido – disse Farah aos ouvidos dele – esqueci-me de lhe dizer que esse é o costume. Mas não se preocupe, do que nós já combinamos, ninguém irá me demover. Dentro de seis meses casaremos e iremos morar em Amman.

Bárbara, em contato com Hatshep, demonstrou sua vontade de encontrar-se com dona Noha.

— Lembra-se, Hatshep, que ela me disse, que quando eu encontrasse a “Felicidade”, fosse tomar um chá com ela?

— Lembro muito bem, doutora!

— Pois é eu encontrei a “Felicidade”. Você pode me levar até sua sogra?

— Posso...mas a doutora vai na companhia da “Felicidade”?

Bárbara sorriu com o gracejo e respondeu: — Sim,

minha amiga. Irei na companhia de “duas Felicidades”.

— Como assim, doutora?

— Como minha intérprete, na hora você irá saber.

— Está bem! Só uma coisa, doutora. Eu vou marcar esse encontro na minha casa, que é um pouco mais cômoda e que tem uma sala reservada. A casa da minha sogra não tem um local reservado para recebê-los.

— Hatshep, eu agradeço essa sua disposição.

— Ainda hoje, doutora, eu lhe comunico a respeito.

— Minha amiga, vamos combinar uma coisa. A partir desse momento, eu desejo que você me trate simplesmente por Bárbara ou por você; nada de senhora ou de doutora.

— Obrigada, Bárbara.

No dia marcado, à noite, estavam reunidos: dona Noha, Heliet – cunhada de Hatshep, Benazyr, Zawalli e Bárbara.

Dona Noha dirigiu-se a todos, com a tradução de Hatshep, dizendo: — Eu prometi a Bárbara que quando ela encontrasse a “Felicidade”, eu teria algo mais a lhe dizer. Vejo que de fato ela encontrou! Estou contente!

E à Bárbara, particularmente, ela se dirigiu: — Filha, o que eu vou lhe dizer, não sairá da minha mente, mas sim, transmitirei somente aquilo que me for dito. Você está me entendendo? Eu só serei uma ponte que liga as duas margens de um rio. Serão narrativas do seu passado e do deles também, de vidas passadas e de lugares que desconheço. Eu pedi que minha filha Heliet viesse para me ajudar nesse atendimento.

— Bárbara, depois de tudo terminado, nós vamos tomar o chá, que também lhe prometi. Você tem alguma pergunta, filha?

— Não senhora; só estou curiosa.

— Bárbara, espero que ao final você não fique triste; nem a senhora e nem o senhor. Às vezes, as narrativas são tristes. Eu não sei!

— Não, dona Noha, eu não tenho mais motivos para ficar melancólica nesta vida. Aqui ao meu lado estão essas duas pessoas queridas; são elas que estão me proporcionando hoje e para sempre, a oportunidade de ser uma mulher feliz.

— Muito bem, minha filha! É isso mesmo. São nas pessoas queridas que a gente encontra o verdadeiro motivo das nossas vidas. Agora, sentem-se aqui nessas cadeiras. Bárbara, sente-se na cadeira do meio.

Dona Noha começou a rezar e a gesticular com leveza, sobre todas as cabeças.

Depois de um curto silêncio, dona Noha tomou novamente a palavra: — Está aqui entre nós, um senhor que se apresenta como sendo de origem judia e que se chama Yossef. Ele está dizendo que foi um dos personagens atuantes quanto aos fatos que aconteceram há muito tempo, junto a vocês.

Disse que teriam vivido em Portugal e que nesse período aconteceram episódios muito tristes, que refletiram sobre suas vidas posteriores, nas quais, esses reflexos nunca ficaram bem resolvidos.

Ele deseja ainda esclarecer que nós nascemos, vivemos e morremos muitas e muitas vezes, a caminho de

uma melhor evolução espiritual. Então, o que realmente morre é o corpo. O espírito criado por Deus é imortal.

Afirma que nessa época, em Portugal, o clima era de perseguição religiosa – a Inquisição.

Corria o ano de 1773. Ele tinha como atividade profissional, o exercício de construtor. Possuía uma fábrica de construção de pequenas embarcações pesqueiras. Era um empresário bem sucedido, casado com uma judia, e tinha uma única filha, muito embora fosse de seu desejo ter uma prole numerosa, mas, por circunstância que desconhecia, isso não aconteceu. Gostaria de ter pelo menos um filho homem, para que este continuasse a explorar o ramo de armador pesqueiro. Por ser abastado, era respeitado e invejado pela sociedade local.

Nesse mesmo ano, — ele está dizendo —, quase ficou na miséria, em decorrência de um grande incêndio que ocorreu em seu estaleiro, provocando a morte do seu sócio e grande amigo; que em seus braços, antes de morrer, pediu-lhe que promettesse cuidar de sua mulher e do seu filho recém-nascido.

A causa do incêndio, embora muitas investigações fossem promovidas, ficou desconhecida. Diz ainda que com muito esforço e alto custo, conseguiu se reequilibrar financeiramente e, sem esquecer o prometido, continuou a assistir a mulher do seu amigo falecido.

Continuando a narrativa, o senhor Yossef disse, que o tempo correu célere. Alguns anos se passaram; o contato diário com a jovem viúva e seu filho robusteceram os vínculos de amizade, e passaram a gostar desse novo convívio. Esse contato foi como um combustível



diariamente alimentado em seu peito. Uma chama de solidariedade, de fraternidade e de amor se avolumou em seu coração, voltado para aquelas duas criaturas; uma mulher amorosa e um juvenzinho, que se dirigia a ele, como “papai”.

Mas, certo dia, sua esposa causou-lhe uma grande surpresa ao afirmar que ela e a filha haviam se convertido ao catolicismo, para não serem chamadas de “hereges”; e que desejavam, quando morressem, serem enterradas no cemitério católico.

Aquela revelação causou-lhe grande espanto e dúvida, uma vez que sua mulher e sua filha nunca haviam se relacionado com ninguém da fé católica; elas, particularmente, odiavam aquelas pessoas; esse era o comentário dentro de casa. Por que agora, aconteceram essas conversões?

Dias depois, em sua casa, ele ouviu através da porta entreaberta: ‘Filha, eu paguei um investigador para seguir o seu pai. Ele tem outra família – uma mulher e um filho já com uns quinze ou dezoito anos; filho bastardo’.

‘— Mandei chamar aquele padre que nos deu a conversão e vou denunciá-lo aos inquisidores; se ele não mais se interessa por mim que estou doente, e nem por você, não vai se interessar por mais ninguém. Você me ajuda, filha?’

‘— Eu sempre estarei do seu lado, mamãe. Farei tudo que a senhora desejar. Eu também não admito essa traição; eu o odeio!’

Prevendo o que poderia lhe acontecer, na ponta dos pés, ele se encaminhou para o escritório e, de um local

secreto, pegou todas as jóias e o dinheiro que durante anos economizou. Dividiu toda fortuna pela metade e saiu de casa sem ser visto, levando a metade dos bens, que achava que lhe competia.

Antes de dirigir-se ao estaleiro, passou pela casa de sua concubina, alertou-a do perigo e, que ela e o filho se aprontassem o mais rápido possível, que ele os esperaria no porto, onde estava ancorada a sua escuna.

Pronto para zarpar, visualizou grossos rolos de fumaça saindo da direção do estaleiro.

Sua querida concubina e seu “filho” não apareceram.

O espírito de Yossef, por alguns momentos, parou de narrar a sua vida pretérita, que deixara fortes reflexos para serem reparados em outras encarnações subsequentes, nas quais também não houve nenhum progresso espiritual, no sentido de conciliação.

Dirigindo-se a Bárbara, ele continuou: “— Filha, a minha primeira vontade, era não dar nome a nenhum desses personagens. Mas, para que não parem dúvidas, eu vou nominar cada um de nós, começando por mim. Eu fui, naquela época, oYossef, e na última encarnação, fui Joseph; minha mulher naquele momento, foi Miriam, e você, a nossa filha. Benazyr e Zawalli, meus queridos, vocês foram aqueles que eu esperei no porto para fugirmos. Filha, não sei se serei convincente, mas o meu coração quer falar: naquela época, eu adorava você; não havia o que você desejasse que eu não fizesse ou adquirisse. Mas com o passar do tempo, você não mais se interessou pelo que eu

fazia ou deixava de fazer. Assim como sua mãe, você ficou completamente alheia a mim. Isso tudo coincidiu com o acidente do meu amigo e com a promessa que fiz a ele, no momento de sua morte. Daquela época até agora, tivemos algumas reencarnações e todas elas, nós as deixamos mal resolvidas. Gostaria, minha filha, de estar aí agora, vivendo junto de vocês, mas, por determinação de Deus, fui tirado da possibilidade desse convívio, que noto, harmoniza-se. Isso me deixa muito feliz. Embora apartado dessa união, “do lado de cá”, podem crer que estou vibrando de contentamento e amando-os, a todos vocês, com a esperança de um dia estarmos juntos em mais uma experiência terrena”.

“— Há algo mais sobre o que eu gostaria que refletissem, muito embora, esteja convicto de que, eu não seja a pessoa talhada com reais conhecimentos para o que vou lhes dizer. Mas em decorrência do momento, me permito passar-lhes alguns conhecimentos que consegui apreender pelo contato, dedicação e ensino de alguns espíritos amigos, que me auxiliaram e continuam a me auxiliar nesta etapa da vida. Assim, gostaria de tentar transmitir a vocês, o que em minha parca avaliação, considero conveniente e oportuno.

“— Meus queridos, as agruras que abalam o nosso viver são derivadas dos nossos procedimentos condenáveis. Toda ação tem uma reação. Estando os atos de nossas vidas material e espiritual subordinados ao crivo das Leis de Deus, é possível deduzir que nossos atuais sofrimentos têm raízes profundas no pretérito e, submetidos que estamos ao Código de Deus, nossas dificuldades de hoje, são justas.

“— Com esse entendimento, meus queridos, poderemos administrar bem nossas vidas, ajustando-nos no diapasão do amor, da esperança e da fé, enfrentando com serenidade e bom senso às situações, objetivando uma vida plena e feliz para o nosso futuro.

“— Meus queridos do coração, o nosso rio Nilo atinge o seu objetivo, abraçando o mar, porque com a obstinação que a Natureza lhe ofertou para ultrapassar inúmeros obstáculos e contorná-los, chegou onde deveria chegar, dando amplas possibilidades a quem dele pudesse usufruir em sua trajetória.

“— Filha, é isso que deveremos fazer também! Contornar os obstáculos e, sermos úteis e bondosos, junto aos nossos semelhantes.

“— Mas há ainda outro assunto. Bárbara, minha filha, quero fazer-lhe um agradecimento: gostei muito das lindas flores que você depositou no meu túmulo, em minha memória.

“— Benazyr, minha querida esposa, tenho muitas saudades de tudo que aconteceu conosco e ao nosso redor. Gostaria de falar mais com você, mas, por enquanto, dou-lhe um beijo no coração. Durante o seu sono, em sonhos nos encontraremos.

“— Zawalli, meu filho, sou orgulhoso por ter sido o seu pai e ter acompanhado a sua juventude e parte de sua formação profissional. Faço empenho para que seja muito feliz junto a Farah, que é uma ótima criatura.

“— Bárbara minha filha, nos poucos meses que soube da sua existência, eu a amei. Você surgiu neste mundo, não por um relacionamento inconseqüente, mas

por planos superiores, autorizados por Deus.

“— Antes que você me indague sobre a sua mãe, eu lhe digo: Miriam está ótima, trabalhando muito deste lado, numa colônia responsável pela orientação de muitas crianças e, sempre que pode, ela lhe faz uma visita. Neste momento, ela está lhe dando um beijo.”

— Papai — aduziu Bárbara — eu lhe peço que me perdoe. Meus sentimentos de ódio contra o senhor foram despropositados. Em minha infância, quando minha mãe me levava ao culto, eu aprendi que deveríamos respeitar e estimar, amar mesmo, nossos pais. Confesso que isso eu não fiz com relação ao senhor. Meu sentimento de ira contra o senhor se agravou com a doença de minha mãe. Fiquei possessa. Graças a Deus, meu pai, esse tornado desapareceu da minha mente e pude me equilibrar, aproximar-me da minha segunda mãe e do meu irmão, que são pessoas de corações imensos, acolhedores e transbordantes de amor. Portanto, meu pai, perdoe essa sua filha, que conseguiu, graças a ajuda de pessoas queridas, visualizar a vida por outro ângulo e aprender a amá-lo e reverenciá-lo.

— Não sei como, mas espero que sinta que lhe dou um forte abraço e muitos beijos, assim como, à minha mãe.

Bárbara, feliz após essa possibilidade de encontro e comunicação com seu pai, deixava correr grossas lágrimas por seu lindo rosto.

“— Minha querida filha, tenha certeza de que não houve e não há em meus sentimentos nem um laivo, que justifique que eu deva lhe conceder o perdão. O meu sentimento com relação a você desde que soube de sua

existência, é de muito amor. E assim vai ser para sempre.

“— Agora eu tenho que deixá-los, pois o meu tempo se expirou, mas se Deus permitir, sempre estarei por perto.

“— A todos vocês, um grande beijo!”

Um grande silêncio se estabeleceu.

Bárbara, com o rosto molhado de lágrimas, olhou para Benazyr e Zawalli, que também tinham lágrimas em suas faces, e disse soluçando: — Eu quero abraçá-los e beijá-los. Em vocês eu encontrei a minha “Felicidade”.

— Bárbara minha filha, tenha certeza absoluta, que você também veio encher os nossos corações de muita alegria e felicidade. Foi como Joseph nos disse: desde o momento que tivemos notícias de sua existência, ficamos prontos para recebê-la e amá-la.

Presenciando aquela cena, dona Noha disse com ênfase, na tradução de Hatshep: - Isso é a verdadeira felicidade; a união da família!

E completou: — Muito bem. A felicidade está reinando em todos os corações, agora então, vamos tomar o chá que prometi para nossa menina Bárbara.

] ***Assim, pois, meus queridos filhos, que uma santa emulação vos anime e que cada um de vós se despoje do homem velho. Deveis todos consagrar-vos à propagação desse Espiritismo que já deu começo à vossa própria regeneração. Corre-vos o dever de fazer que os vossos irmãos participem dos raios da sagrada luz. Mãos, portanto, à obra, meus muito queridos filhos! Que nesta***

***reunião solene todos os vossos corações aspirem a esse grandioso objetivo de preparar para as gerações porvindouras um mundo onde já não seja vã a palavra felicidade” (François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot— Paris 1863 — O Evangelho Segundo o Espiritismo-cap. V –item 20)***

\* \* \*

*Romero E. Carvalho*  
romeroevandro@hotmail.com

## Obras Consultadas:

- Bíblia Sagrada,
- *O Livros dos Médiuns* de Allan Kardec
- *O Livros dos Espíritos* de Allan Kardec
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- *Obras Póstumas* de Allan Kardec— 11ªEd.
- Poesia: *Perseverance* de Johan W. Van Goethe
- *Ação e Reação e Sol nas Almas* de André Luiz
- *Na Era dos Espíritos e Caminho, Verdade e Vida* de Emmanuel
- *Assimilação Evangélica* de Bezerra de Menezes
- Revista *Reformador* n.2143
- *Revista Internacional do Espiritismo* n.10/2001
- Enciclopédia *Mirador*
- Site – *Wikipédia* – A enciclopédia livre
- *Plêiades* (mitologia)



©2012 — Romero Evandro Carvalho

Versão para eBook  
eBooksBrasil.org

---

Novembro 2012

eBookLibris © 2012 eBooksBrasil.org

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Se você pagou por esse livro

**VOCÊ FOI ROUBADO!**

Você tem este e muitos outros títulos

**GRÁTIS**

direto na fonte:

eBooksBrasil.org